

A casa de reza: deslocando o olhar

Mas não será que o pensamento mágico, essa “gigantesca variação sobre o tema do princípio de causalidade”, diziam Hubert e Mauss, se distingue menos da ciência pela ignorância ou pelo desprezo do determinismo, do que por uma exigência de determinismo mais imperiosa e mais intransigente e que a ciência pode, quando muito, julgar insensata e precipitada?

Claude Lévi-Strauss. O pensamento Selvagem.

A *casa de reza* é o coração do Instituto Tamoio, de acordo com o corte etnográfico que quero aqui sugerir. É ela que atrai a maior parte dos visitantes e curiosos, é onde são realizados tratamentos, de moradores e pessoas de fora. É onde se pode encontrar sempre a porta aberta e um café preparado há apenas alguns minutos, onde é possível conseguir uma cebola, um pouco de farinha, uma tinta de jenipapo ou mesmo um saco de areia, quando estes itens faltam. É um local público, embora seja também uma casa (a casa de Iara, para alguns) – lá não se usa o habitual cadeado como se pode observar em todas as outras portas. A menos que não se encontre ninguém na casa de reza, a porta estará aberta, para uma prosa, para um beiju ou para se fazer uma pausa, somente.

Meu objetivo neste capítulo é narrar minha experiência como pesquisadora dentro deste espaço. Embora deseje, aqui, abusar do discurso em primeira pessoa, não pretendo, com isso legitimar minha narrativa como única possibilidade de apresentação. O uso da primeira pessoa no texto etnográfico como recurso de autoridade já foi fruto de inúmeras desconstruções por parte de novas reflexões epistemológicas, que mereceriam ser brevemente mencionadas.¹

¹ No artigo “A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia”, Tereza Caldeira fornece um breve panorama das questões pertinentes à literatura pós-moderna em antropologia. As regras que regem a relação entre o autor, o objeto e o leitor sofrem, nesta literatura, deslocamentos que permitem novas formulações, experimentos. “A ficção antropológica (Geertz 1973:Cap.I) tem algumas características peculiares: ela pretende, de uma maneira objetiva (científica, diriam alguns) fazer a ponte entre dois mundos culturais, revelando para um deles uma outra realidade que só o antropólogo, este sujeito que experimenta e traduz, conhece. Presença ambígua, portanto,

Gostaria de sugerir que a experiência dentro da casa de reza foi uma experiência de *deslocamento*, a semelhança do que ocorre quando nos deparamos com o diferente e, por ele, nos deixamos *afetar*. O afeto envolvido no contato com o outro não se confunde com uma conversão ao esquema nativo, mas antes se assemelha a uma tentativa de compreensão que não se sobrepõe ao outro, mas sim que o inclui. Como sugere Janice Caiafa, em seu texto *A pesquisa etnográfica*², na experiência de campo o processo de compreensão se dá em união com uma certa simpatia, no sentido de “sentir com”:

A simpatia é o afeto que nos permite entrar em ligação com os heterogêneos que nos cercam, agir com eles, escrever com eles. O co-funcionamento ou simpatia difere tanto da identificação quanto da distancia, que Deleuze (1997:67) menciona como “duas armadilhas”. Porque a distância nos indica o olhar do entendimento, “um olhar científico assepticado”, enquanto a identificação nos leva ao contágio, à confusão com o outro. Nos dois casos perdemos a força da alteridade, a oportunidade de entrar em composição com os heterogêneos.

Este movimento de compreensão pode, em certa medida, ser perigoso para o pesquisador, na medida em que sua subjetividade permanece engajada durante o trabalho de campo e, depois, no momento de sua escrita. Entretanto, se o pesquisador e escritor optar por defender unicamente sua *identidade*, seja em favor de uma identificação com o esquema nativo ou em defesa da objetividade científica, ele logra salvar a si mesmo, mas a troca proporcionada por sua experiência de pesquisa e a riqueza nela contida saem prejudicadas.

Caso, ao contrário, ele se permitir ser *afetado* pela viagem de campo, estará sujeito à produção de um diálogo e compartilhamento imensamente ricos. As armadilhas do conhecimento estão presentes tanto para aqueles que desejam acima de tudo defender sua subjetividade quanto para os que preferem permanecer na segurança das teorias científicas. Para imergir na experiência com o outro e levar a sério a idéia de trabalho de campo como “um tipo de viagem” é preciso fazer com que as barreiras que definem quem somos, de alguma forma, sofram um abalo.

que precisa, ao mesmo tempo, mostrar-se (revelando a experiência pessoal) e esconder-se (garantindo a objetividade). Esta ambigüidade é a marca da presença do antropólogo nos textos.” Questionamentos desta natureza podem ensejar formas críticas de escrita, em que a posição do autor não permaneça tão segura em sua ambigüidade. CALDEIRA, Tereza. “A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia”. *Novos Estudos Cebrap*, n.21, 1988, p.133-157.

² CAIAFA, Janice. *A aventura das cidades. Ensaio e etnografias*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

O recurso à subjetividade enquanto forma de legitimação do discurso não é meu objetivo neste capítulo. Minha intenção é evidenciar os dramas e conflitos inerentes ao campo, os quais só podem se revelar propriamente quando o relato engloba o observador. Quero referir-me à experiência na casa de reza como uma experiência onde, do encontro entre dois pontos de vista, parece emergir um tipo específico de “conhecimento”. Não o conhecimento dito objetivo, que versa sobre uma dada realidade, mas um conhecimento inter-subjetivo que é, desde já, um conhecimento enriquecido. O processo de compreensão é impossível de ser levado a cabo apenas de maneira monológica.

Meu papel de pesquisadora, de antropóloga (muito embora somente os *nativos* usassem tal palavra para definir o meu papel) me levou a entrar em campo com determinadas questões que, durante o *encontro* que quero aqui descrever, foram sendo paulatinamente deslocadas. Na fala de Iandé Fulni-ô: “nós precisamos da diferença para aprender”. Ao final de um trabalho de campo não chegamos a uma conclusão específica, ou aprendemos um conteúdo determinado sobre uma dada realidade cultural; apenas somos deslocados pelos afetos do campo, pelas relações que travamos com o outro. Destes encontros, nasce um tipo de conhecimento. Como Iandé sugere, o reconhecimento é conhecimento, tão valioso quanto rigoroso.

A casa de reza do Instituto Tamoio é o lugar de moradia da pajé do Instituto, Iara do Sol. Iara é filha do casamento de um índio Fulni-ô, com uma índia Cariri-Xocó. Ela foi criada no interior de Santa Catarina por seus pais e seu avô paterno, que esteve presente até seus oito anos de idade. Nesta época, ela conta, seu avô transmitiu a maior parte dos conhecimentos que ela ainda hoje pratica, como pajé. Para ela, em certo nível a pessoa nasce pajé; em outro ela deve aprender como expressar este conhecimento inato.

– Iara, e o Cole Iara... e o Colê? Ele é muito sábio Iara! Ele se esconde! Ele diz: ‘Iara, senta aqui’. Aí ele diz assim: ‘Eu vou chamar a fêmea, viu?’, aí o passarinho vem, Iara! ‘Agora, eu vou mandar a fêmea embora e vou chamar o macho’. Ele prova, entendeu? ‘Agora eu vou curar. Seu espírito está entregue, totalmente’. ‘Agora eu vou queimar meu pé. Você vai ver que vai queimar’. Assim, ele põe o pé na brasa, do jeito que for. Pode ir lá que eu te mostro. E o Cole “Mas não tá queimando não”. Quando você pega, o pé dele tá gelado. Eu não sei Iara qual é essa ciência. E ele também não diz.

– Não, não pode dizer.

- *Eu digo assim: ‘o Colê, se você puder me ensinar, para eu ganhar dinheiro...’ [risos]. Ele diz ‘meu filho, você acredita que se eu cobrar, eu queimo?’*
- *Isso não é controle da mente.*
- *Não é não, Iara.*
- *Porque não? – pergunto*
- *Daniele, se isso fosse controle da mente, o professor de parapsicologia não tinha queimado o pé. E bolou uma chaleira de água quente, no pé. Depois curou com remédio... Se fosse controle da mente, ele não tinha queimado o pé.*
- *Pois é, o pé dele gela. Não sei que que é que gela! E esse homem vai morrer, Iara, vai morrer... até fico triste... Porque que os jovens não estão ligados com isso? Quando ele morrer, não vai passar isso pra ninguém!*
- *Olha, com um pouquinho.... com um terço... eles aprendem comigo só um pouquinho. Por exemplo: a sabedoria é isso aqui, né? As coisas que eu aprendi é isso aqui [fazendo um círculo com as mãos]. Agora divide aqui, divide aqui, divide aqui, divide aqui, divide aqui.... isso é o que eu ensino. Aí eles descobrem sozinhos mais um tanto. Se eles conseguissem chegar nessa metade aqui, eles iam ficar de queixo caído. Porque sabe o que é você estar sentado aqui, e tem água falando mal de você lá na cidade, na Rua México e as energias te avisar?*
- *E o pior não é isso. Tio Cole pegou um cabo de vassoura. Aí eu pergunto: ‘pra que esse cabo, tio Cole’. ‘Não pergunte muito não!’. Fulaninho, preste atenção... Olhe pro meu olho, ta vendo? E aí começa [dizendo algo em Yaathê]. EM pouco tempo, Iara, a imagem dele começa a sumir. Aí você pensa que ta ficando doido, né? Quando você vê, sumiu. E ele continuou falando. ‘Tio Cole, cadê você?’ ‘To aqui! Vocês não estão me vendo vão?’ ‘To não, Tio Cole!’.*
- *‘Como que você não ta me vendo? Ta ficando doido?’*, mas ele sabia que não estava lá. Ele dizia: *‘Quando os brancos iam queimar nossas casas, os espíritos nos ensinaram essa reza pra gente sumir. Se chama envultar’, que eles chamam isso de envultar, né? Que é virar um vulto.*
- *Apurinã também sabe fazer isso, aldeia Apurinã. Foi assim que eles conseguiram se salvar. As pessoas levaram muita coisa da aldeia Apurinã, eles mesmos não têm noção.*

Como ela conta, sua prática espiritual começou bem cedo, e foi acompanhada pelos pais com certa preocupação. Iara estudou em um bom colégio de sua cidade, aprendeu a ler escrever e chegou até a faculdade. Sua formação é em Educação Física. Apesar do seu nível de escolaridade, ela buscou exercer uma mistura entre os conhecimentos que recebeu de sua família e a educação que recebeu nos diversos cursos esotéricos que completou. O último deles a concedeu grau de mestrado no sistema Reiki de harmonização energética, o qual exige dois anos de formação.

Quando eu era pequena, os mais velhos da minha família ficavam falando que eu era ‘a ponte’. E eu ficava me perguntado que diabos [sic] era aquilo de ponte. Então eu deitava no chão, ficava durinha, e deixava as outras crianças irem pisando em mim, como se eu fosse uma ponte.

A *ponte* Iara permaneceu sempre entre dois mundos: o indígena e o urbano, enriquecendo cada vez mais seu currículo, ciente de que neste mundo “o que vale é o papel”. Os cursos que lhe concederam algum diploma vão desde Parapsicologia, passando por Mind Control Mental, massagem terapêutica, uso de argila medicinal, Reiki, Karuna Reiki e uso de cristais. Ela também fez um curso de um ano com monges tibetanos que estiveram no Rio de Janeiro chamado “Contato com o mestre interno”. Mesmo entre os praticantes de atividades relacionadas ao esoterismo, este é um currículo difícil de ser alcançado, motivo pelo qual ela é respeitada tanto entre gurus de Reiki quanto entre neo-xamãs.

Realizar estes cursos extremamente caros e de pouco reconhecimento comercial foi uma a forma que encontrou de não se afastar de seu objetivo: transmitir um pouco de sua cultura para quem estivesse apto a aprender.

Na época em que eu fazia o curso com uns monges, eu andava tão sem dinheiro que, às vezes, quase não tinha o que comer. Tinha dias que era farinha, pão e café. E só. Eu estava sem emprego na época, e meu dinheiro ia quase todo pra fazer o curso. Eu ia todo dia na praia, de manhã, e ficava rezando ‘Meu Deus, o senhor esquece de mim. Eu não tenho como pagar meu aluguel’. Aí, quando chegou no vigésimo primeiro dia que eu fazia isso, eu olhei pra beira d’água, e vi umas conchinhas bonitinhas. Só me veio a imagem de um símbolo, feito de conchas. Fui catando várias conchinhas. Fui no mercado e comprei um material, uns sapatos de pano, tinta branca. Nesse curso que eu fazia, todo mundo tinha que andar de branco, da cabeça aos pés. Até o sapato tinha que ser branco. Então eu comprei uns sapatos de pano branco, e fui colando as conchinhas em forma de símbolo. Depois pinteí de branco por cima, porque tudo tinha que ser branco. Aquilo fez um sucesso... eu vendi muito desses sapatinhos, muito! Deu pra pagar aluguel, tudo.

Apesar de todas as agruras e tendo dois filhos para criar, Iara sempre usufruiu de certa estabilidade para continuar estudando. Seus pais, entretanto, nunca a apoiaram por saberem das dificuldades relacionadas ao que, na cidade, não se pode considerar uma *profissão*. Embora o xamã seja uma figura reconhecida (e ao mesmo tempo temida) dentro das aldeias, recebendo variada forma de pagamento pelo seu trabalho, fora delas não há sistema de crença que sustente uma recompensa material por este tipo de atividade. A emergência de um circuito urbano ligado ao movimento Nova Era e a variadas expressões neo-esotéricas incorporou a espiritualidade indígena à rotina da cidade, auxiliando o reconhecimento de seu trabalho. Ao dizer que iria sair de casa, seu pai a interpelou.

Quando eu saí de casa meu pai me perguntou ‘Vai trabalhar no quê?’. Eu falei ‘Vou fazer essa coisa de ervas e massagem.’. Quando fui embora, fiz um negócio para nunca mais pisar naquela cidade. E nunca mais pisei!

O primeiro emprego que eu tive foi num cabeleireiro. Fui até o salão. Quem me recebeu era o dono, um homossexual. ‘Você quer um emprego aqui? Você sabe fazer o quê?’. Eu disse: ‘Bom, eu sei fazer uma massagem com frutas na cabeça’. Ele falou ‘Ah! Então você faz em mim que eu quero ver como é. Você precisa do que pra fazer?’ ‘De morangos, mamão....’ ‘Então você vá no mercado e volte aqui com as frutas’. Quando eu fui fazer a massagem... ele disse ‘Tá contratada!’. E era isso que eu fazia no salão: massagem de frutas na cabeça e no corpo. O homem ficou rico com as minhas massagens!

Os símbolos de cura foram aprendidos com seu avô. A coisa de “ervas e massagens”, com sua mãe. Seus pais, ela lembra, eram terminantemente contra sua profissão de “pajé” pois, afinal, isto não era um *profissão* e eles já haviam sofrido o suficiente por serem índios. Alguém que, além de índio ainda praticasse “coisas de índio” poderia atrair muito sofrimento para si. “Minha mãe sempre falava: ‘minha filha, branco não reconhece essas coisas de espiritual’”, mas, de fato, ela estava fadada a ser a ponte, para além de suas brincadeiras de criança.

Apesar de suas roupas, inteiramente brancas e costuradas por ela mesma, Iara leva uma vida bastante normal. Ela sempre obteve algum tipo de trabalho nas cidades em que morou – sendo desde locutora de rádio até dona de restaurante. Sua vida oscilou entre a plena abundância material e o momento em que só podia ter “farinha e café” para almoçar. Todas as suas aventuras sobre como ela conseguiu ir para a Argentina ou como ela veio parar no Rio de Janeiro são contadas com muito humor.

Seu aprendizado como curadora é maior orgulho de sua vida. Iara é conhecedora de uma ampla gama de técnicas de cura, que podem fazer suspeitar até o mais experiente de seus ouvintes. Ela realiza desde massagens com ervas até Reiki tibetano. Seu conhecimento de plantas e ervas foi, na maior parte, herança de seus pais.

A minha mãe tinha um conhecimento.... Se você juntasse o conhecimento da aldeia Fulni-ô com o conhecimento da aldeia Cariri-Xocó... nossa! A minha mãe botava uma vela aqui e via tudo o que estava acontecendo do outro lado do bairro, em qualquer lugar. Ela atendia gente muita gente doente. A pessoa chegava lá, com uma doença, e às vezes ela falava assim: ‘Sabe, acho que não vou tratar do senhor não. Sabe por que? Porque o senhor é um sem vergonha e não vai seguir o tratamento. Então não vou perder meu tempo!’. Antes de começar, ela avisava ‘Quando começar, não vai poder parar no meio, senão tem

de fazer tudo de novo!'. Tinha uma mulher que chegou lá em casa com problema de psoríase. Essa é uma doença muito séria energeticamente, e você tem que fazer sete massagens de ervas sem interromper. Essa é a única doença que você só tem uma oportunidade. Se você interrompe, não pode recomeçar. A pessoa só tem uma chance. Então veio essa mulher, e minha mãe avisou 'Olha, não vai ser muito agradável...', mas ela fez. Daniele, minha mãe fazia as massagens, e depois deixava ela de molho na banheira. A mulher só gritava, gritava. Gritava de dor. Ela dizia que parecia que a pele dela estava queimando. E estava mesmo!

Conquistar vários diplomas foi a forma de obter alguma credibilidade para as suas práticas, entre seus parentes e também entre seus clientes. Um curso completo de Reiki custa, atualmente, entre R\$ 3.700,00 e R\$ 20.000,00³; o esforço para pagar uma formação deste valor é sempre evocado como forma de demonstrar que a capacidade de estudar *também* é algo indígena.

Na casa de reza ela ensina uma mescla de todos os seus aprendizados. De maneira geral, é o Reiki, ou os símbolos nativos (como são chamados) a parte mais importante da formação. O Reiki é uma prática de cura que não deriva de nenhuma tradição milenar, embora seja usualmente apresentado como um sistema de cura holístico, ao lado da acupuntura chinesa e de sistemas de massagens como o Shiatso e o Do-in. No Brasil, ele foi difundido através dos centros de esoterismo, mas há outros locais onde é possível ter acesso a esta prática como Spas, academias e clubes.

O sistema de cura do Reiki consiste fundamentalmente na existência de símbolos mágicos, os quais julga-se terem o poder de despertar aspectos latentes da consciência dos curadores e, também, daqueles que são tratados através deles. O sistema Reiki é fundamentado na eficácia simbólica destas formas ideais. Um símbolo, dentro desta filosofia prática, tem eficácia através de seu uso, o que pode significar o ato de desenhá-lo, de soprá-lo, de imaginá-lo ou de recitá-lo. Para que eles sejam eficazes, basta ativá-los através de qualquer uma destas ações. Este sistema exige que o praticante passe por uma série de iniciações. Esta é a única forma de ter acesso a estes símbolos, ou, na linguagem dos praticantes, à frequência representada pelos símbolos.

Iara decidiu, a partir de sua própria reflexão, mesclar este sistema oriental com outros símbolos aos quais ela chama de Símbolos Nativos. Quando ela

³ Dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Pesquisas e Difusão do Reiki. O valor é baseado em tabela internacional.

prepara uma iniciação no sistema Reiki, ela incorpora os Símbolos Nativos à iniciação. Os usos e práticas ligados aos símbolos serão vistos mais adiante.

Dentro da ocupação, sua prática com os símbolos não era muito conhecida, à exceção dos moradores que foram iniciados. Na entrada do Instituto, sobre um corrimão destruído pelo tempo, Iara pintara vários símbolos que conhecia, para proteger o local. Quando Iara falava dos símbolos para algum morador que viesse a sua casa, a história geralmente era recebida com indiferença. Entretanto, um dia, em que Ceci Pankararu estava na casa de reza conversando com outros moradores, ela teve uma visão com os símbolos de cura:

Eu estava sentada aqui, conversando com a Iara. Aí eu olhei ali pra porta e vi um índio, assim, alto... Achei que era um índio daqui mesmo, nem prestei atenção. Mas então eu percebi que não podia ser índio daqui, porque ele estava pelado! Menina, imagina um índio alto, bem ali na porta, pelado! Eu fiquei olhando durante um tempo.... ele estava parado. Aí, de repente, ele pegou um papel, e desenhou uma coisa.... Depois, foi embora.

Eu cheguei pra Iara, e perguntei: Iara, que que é isso? [desenhando, no chão de barro, um símbolo].

–Esse é o curará – se adianta Iara

– Pois é, eu nem sabia dessa história, mas o índio desenhou isso pra mim. Eu fiquei pensando naquilo... que que quer dizer?

– Quer dizer que você precisa se tratar – Iara responde.

– Ta vendo, ta vendo? E agora, você acredita? – completou Augusto

– Acredito!

Augusto Apurinã, iniciado, sempre falava com paixão dos símbolos, embora se declarasse extremamente indisciplinado para praticá-los. Ele dizia identificá-los em formas da natureza, no céu, entre as estrelas. Bastava “prestar atenção” para que aquelas formas sobressaíssem.

5.1

Dilemas da prática

Quando cheguei ao Instituto Tamoio, eu nunca havia tido contato com nada relacionado ao universo indígena. Lá, eu costumava apresentar-me pelo nome e, só secundariamente, pela *profissão* de pesquisadora. Isto não foi bem assimilado pela maioria dos moradores pois, como eu passava a maior parte de meu tempo em campo na casa de reza, acabei sendo identificada como a *aluna da Iara*. O meu desconhecimento inicial quanto a temas indígenas não pareceu

incomodar nenhuma pessoa dentro do Instituto, pois, conforme passei a frequentar a ocupação, eu já havia sido incorporada como alguém que estudava *em faculdade* e que, portanto, poderia dizer algo positivo sobre *os índios* para o mundo, ou mostrar sua cultura para além da idéia do *índio arquivado*.

Com exceção de Bariri Guajajara, liderança do movimento que cursa lingüística em uma faculdade federal, os demais moradores não tinham qualquer conhecimento do que fazia um antropólogo, razão pela qual eu poderia ser confundida com uma jornalista ou uma fotógrafa. Eles já estavam acostumados com pessoas que os consultavam com a intenção de ‘saber mais sobre eles’ e, inicialmente eu era vista como mais uma dessas pessoas que tentava obter informações

Após alguns meses de convivência, e conforme meu papel de *aluna de Iara* foi paulatinamente sobrepondo-se ao de *alguém que queria saber mais sobre eles*, meu convívio com o grupo da ocupação estreitou-se de maneira sensível, sem que eu pudesse melhor conduzir tal experiência. Isto se tornou mais claro para mim no dia em que, Iandé, um índio Fulni-ô que frequentador da ocupação, ignorou o fato de eu ser uma “antropóloga” para me confessar as seguintes palavras:

– *O que eu sei, é que Fulni-ô tem um segredo que ele não libera por nada. Pode inventar qualquer história para ele não contar o que que é o segredo. Eu até entendo que você esteja desviando, para não entrar na coisa real... porque fulni-ô não conta. Os antropólogos não gostam de estudar Fulni-ô porque eles ‘barram’ eles*

– *Tanto é que eu falei pra você, do símbolo que eu vi um determinado símbolo na canequinha que o Fulni-ô tava vendendo, eu falei assim: ‘vá lá e diga para o seu pai que esse símbolo não pode andar nessas canequinhas aqui. Quando foi no outro ano, o menino chegou pra mim e disse: ‘o pajé perguntou como que você sabe disso’. Era um símbolo sagrado que não pode andar por aí, em artesanato. Não pode ficar dando aquilo pras pessoas, imagina que a pessoa pode ir aí e beber água*

– *Tanto que no nordeste... tem os Guajajaras, do maranhão, que também tem a língua deles... mas no Nordeste, só os Fulni-ô que têm a língua.... porque eles não mostram o ritual, não adianta. Até porque o mistério, é assim que se diz, o mistério Fulni-ô não interessa pra antropólogo. Pra que ele quer saber isso? Ele quer saber pra defender a tese dele... defender pra que? O que antropólogo faz pra preservar alguma coisa? Eu digo assim: o que ele me dá em troca, entendeu? O que volta pro índio? Não volta nada.*

– *É mesmo, comentei.*

– *Mas se a gente analisar a coisa espiritual... não adianta nada ele pegar*

– *Se eu mostrar prum branco descrente: ‘isso aqui nós acreditamos, é um conhecimento milenar...’ Ele vai dizer “ah é...”. E aí desqualifica*

– *É, desqualifica.*

– ‘Ah, grande droga isso. Eu pensei que era outra coisa’. E essa é a única coisa que segura o Fulni-ô: é a fé, é temer. Ele teme uma coisa. Ele tem medo. A única coisa que ele teme é o ritual, porque, aí, ele sabe que tem um preço pra pagar. Se ele fizer alguma coisa errada, ele paga um preço. E paga rápido! Não demora muito não.

Inteiramente absorta na discussão, eu prontamente concordei com ele. Em seguida, tive um lampejo de auto-crítica: “mas eu não estou aqui para fazer antropologia? Não sou eu essa pessoa de quem ele está falando, que desqualifica a crença dos crentes?”. Neste momento me ocorreu que talvez eu tivesse extrapolado a linha que separa sujeito e objeto, nativo e pesquisador, teoria nativa e teoria antropológica. De que lado eu estava no momento de seu comentário? Algumas vezes pensei que deveria aceitar, para o bem de minha experiência de campo, o lugar que o grupo da ocupação decidiu me dar, sem que eu o exigisse: o lugar de *aluna de Iara*.

Este lugar privilegiado excedia, em prestígio, outro possível lugar – o de pesquisadora. Embora eu mesma não houvesse abandonado este lugar, minha inserção enquanto aluna me aproximou de temas para os quais, talvez, eu não houvesse atentado em outra situação. A experiência de proximidade alterou a natureza das conversas e diálogos que pude travar.

A experiência na casa de reza despertou-me para um mundo simbólico o qual eu nunca havia concebido como possibilidade. Conviver com a pajé, com os moradores e seus alunos só me deixava duas escolhas: ou levava a força simbólica de seu mundo a sério, ou me privaria de compartilhar de sua experiência, o que certamente empobreceria meu relato. O convite era feito, a todo momento, por Iara. Andando nós duas por uma ruela, em direção a uma padaria, ela me pergunta.

– Esse moço cantou para mim ou para você?
– Que moço? Não vi nada. – respondo.
– Ora, aquele cara ali atrás, estava cantando uma canção: ‘cigana, venha ler a minha sorte...’. Quem era a cigana, eu ou você?
Percebi, virando-me para trás, que um homem olhava para nós e cantava algo, talvez a música que Iara dissera.
– Você vê, as coisas acontecem com vocês, mas são vocês que não percebem elas acontecendo. Vocês que não escutam as mensagens.
– Sabe, acho que eu entendo o que você diz. Mas acontece que quando penso que ‘tudo pode querer dizer alguma coisa’ fico alterada. Acho que fico tensa porque parece que tenho que prestar atenção em tudo. Parece que estou pisando num campo minado. Não sei se quero viver como se estivesse dentro de uma guerra.

– Mas quem disse que você não está no meio de uma guerra?

Se o mundo estava, como Iara me fazia crer, *em guerra*, era preciso urgentemente situar-me. Não poderia haver um único evento, dentro deste universo, sem alguma significação. “Nenhuma folha no mundo cai de uma árvore sem que queira dizer alguma coisa”, lembrava Leandro Fulni-ô. O mundo estava pleno de sentido, mas, segundo sua sugestão, eu estava cega por não percebê-lo. Decidi permitir que a experiência de campo alterasse meu olhar. Assim, talvez, eu pudesse participar de seu mundo, onde o simbólico era, literalmente, o real.

Minha experiência de campo extrapolou, em muito, a linha da necessidade técnica da coleta de dados⁴. Em minha postura inicial, tentei *encaixar* conceitos, fórmulas e teorias no que observava em campo, felizmente sem sucesso. Em certo momento tive de admitir que meu olhar não podia detectar fatos, mas apenas idéias e valores, que conflitavam irremediavelmente com meus próprios. Verdadeiramente, o Instituto Tamoio não foi documentado em mais que uma dúzia de relatórios e reportagens oficiais que falavam sobre sua situação legal e que podem ser chamados de *dados*. Talvez, com eles, fosse possível produzir um pequeno trabalho sobre o histórico deste fantástico lugar, mas, se eu assim o fizesse, o que eu faria com os dois intensos anos de experiência com aquelas pessoas? Seria minha experiência como *aluna de Iara* um material demasiadamente subjetivo para ter relevância do ponto de vista científico?

As experiências na casa de reza me convidaram a uma viagem de saber que, do ponto de vista do conhecimento, me deixava em um limiar. É possível entrar em outro saber por meio da experiência? Todas as lições que recebi sobre o tema da cura diziam que sim. Não só, diziam que *somente* assim. O corpo era, por

⁴ No texto “A obsessão pela cultura”, José Reginaldo Gonçalves dá um breve panorama sobre a mudança de foco nas etnografias – a narrativa em lugar dos fatos – e como esta inflexão se relaciona não com uma preferência pelo relativismo, mas com o *reconhecimento do caráter ficcional da cultura*. “Essa oposição entre uma atitude ‘teórica’ e uma atitude ‘narrativa’ poderia ser perfeitamente dispensável se ela apenas reeditasse a velha oposição entre universalismo e relativismo, ou uma valorização da teoria *versus* a etnografia. No entanto, o uso que faço dessa oposição tem a função de iluminar um outro aspecto: o reconhecimento ou não do caráter ficcional da cultura. (...) O reconhecimento ou não desse caráter ficcional da cultura vai afetar o modo como se concebe a etnografia, uma modalidade de produção intelectual fundamental na identidade da disciplina. No primeiro caso, esta deixa de ser apenas uma coleta de dados que viriam alimentar uma reflexão teórica e definiria o próprio modo de reflexão antropológica, onde a teoria aparece embutida na pesquisa etnográfica.” GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A obsessão pela cultura. In: PAIVA, Marcia de; MOREIRA, Maria Ester (Coord.). *Cultura, substantivo plural*. Rio de Janeiro: CCBB: 34 Letras, 1996. P. 165.

princípio, o instrumento de conhecimento dentro desta ordem, o convite era a variação de minha *presença* segundo outros simbolismos, outros sentidos.

Um choque na ordem do sentido e da sensibilidade põe em franco questionamento a subjetividade⁵ do pesquisador na medida em que sua subjetividade é permeada pela cultura. Desistindo de uma suspensão metodológica dos valores, decidi embarcar na viagem de campo, assumindo um conceito muito claro do ponto de vista lógico mas que geralmente permanece adormecido: não existe experiência sem sujeito.

Este lugar onde transita o pesquisador é incômodo, incerto. O limiar entre dois conhecimentos, duas ordens, é reinado pelo caos. Entretanto, o novo só é acessível por estes limiares e, a antropologia, desde sua origem, um modo de falar que permite estas aberturas nos discursos edificados.

Uma observação me tranqüilizou quanto à natureza do conhecimento que pode ser produzido a partir desta experiência de fronteira. Percebi que, a própria ocupação subvertia a idéia da fixidez, da imobilidade do conhecimento. Os próprios ‘nativos’ recusavam a morte representada pelo *arquivamento* de seu saber. Com grande coragem, produziam seu próprio *museu vivo*, reescrevendo a *verdade* sobre o que é *ser indígena*. Embora não estejam registrados em nenhum *catálogo*, afirmam sua cultura, sua fala sobre a realidade, sua posição no mundo que, para muitos críticos, é ilegítima.

O Instituto Tamoio foi, ao mesmo tempo, o lugar em que realizei o trabalho de campo e, também, o local onde tive uma experiência iniciática. Não posso precisar onde, dentro de uma antropologia, as duas experiências podem se cruzar; entretanto, seria desonesto impor um distanciamento com relação a meu campo que não existiu. Gostaria de sugerir, metodologicamente, que toda e qualquer escrita sobre o campo deve ter fidelidade com a experiência do antropólogo. Surpreendentemente, este não é um ponto pacífico dentro desta

⁵ Sobre a pesquisa de campo, Crapanzano sugere que, para além do choque entre o saber do pesquisador e o saber nativo há, mais fundamentalmente, um choque no próprio sentido de identidade do pesquisador. É o que ele refere como *confronto*. “To refer to field work as confrontation is to call attention to the violent, wrenching quality of the encounter between the ethnographer and his informants. By this (...) [I mean] the inevitable disruption of the sense of self that both the ethnographer and even his informants may experience. I use the phrase ‘sense of self’ here to denote, loosely, a reflexive awareness of a center unity and continuity, an identity, that oscillates between reification and resistance to reification.” CRAPANZANO, Vincent. “On the writing of ethnography”, in *Dialectical Anthropology*, nº 2, 1977. As lições de cura aguçaram ainda mais esta questão da ruptura das fronteiras pois um dos modos mais importantes de prática de cura é a empatia.

disciplina – basta lembrar que uma mesma experiência pode resultar em relatos completamente distintos, como no famoso caso do diário de Malinowsky.

Buscando não repartir minha experiência *em dois*, desejo incorporar o aspecto iniciático como um dos temas de minha escrita. O que resultaria disso, do ponto de vista do conhecimento, já está sendo julgado oportunamente pela literatura que visa desvendar qual o estatuto do conhecimento dentro da pós-modernidade e, este não é o objetivo da minha dissertação.

Minha iniciação em símbolos e pedras aconteceu logo no início de meu trabalho de campo. A primeira vez que fui à ocupação, o fiz na companhia de Lia, uma colega que tem pouco mais de vinte anos e é formada em ciências sociais. Ela já participava das atividades da casa de reza há pouco mais de um ano quando me apresentou à ocupação.

Como se observa no caso de religiões afro-brasileiras, os eventos, dentro de cosmologias mágicas, sempre possuem algum grau de significação⁶. Minha ida ao Instituto poderia ser interpretada por mim como ocasional; entretanto, para Iara, havia qualquer tipo de importância que, inicialmente, eu não poderia registrar. Minha impressão inicial do lugar foi de estranheza, como sempre ocorre quando nos defrontamos com o *diferente*. Iara adiantou-se, convidando-me para participar de uma de suas aulas.

– *Você pode vir para receber.*

“Vir para receber” significava que eu participaria de uma aula com seus alunos, como paciente. Ela me explicara que qualquer pessoa poderia ser um paciente em potencial pois, como ela costuma dizer, “todo mundo que está nesta Terra precisa de algum tratamento, inclusive eu”. Muitos, como minha colega Lia, já chegavam à casa de reza conscientes do que estariam prestes a aprender – alguns eram egressos de outros aprendizados de magia e esoterismo, e já estavam familiarizados com a linguagem e os códigos daquele grupo social.

⁶ O livro de Wagner Silva, *O Antropólogo e sua magia*, é rico em relatos sobre a relação entre o antropólogo e seus informantes dentro dos sistemas mágicos afro-brasileiros. Nestes contextos, a informação é negociada em função do poder e hierarquia segundo os quais funcionam estes sistemas.

Voltei alguns dias depois, um tanto curiosa para desempenhar meu papel de *paciente*. Ao chegar lá, seis pessoas se preparavam para me atender. A preparação de uma sessão de cura consiste em *se fechar* e em realizar algumas orações (de acordo com as crenças do praticante). Se fechar é o termo utilizado no sistema Reiki para preparar o corpo do curador para iniciar uma sessão. Durante o fechamento, o curador traça os símbolos acima de sua cabeça, para que eles se tornem ativos durante o processo de cura. O fechamento é acompanhado de alguns cantos e orações particulares, segundo as crenças pessoais.

Permaneci deitada durante todo o tempo da *cura*. As mãos dos curadores me cobriram, ora aquecendo ora esfriando regiões do meu corpo. Segundo me explicaram, os símbolos são usados através do toque. Alguns cantavam, outros permaneciam concentrados, em silêncio. Todos finalizaram em conjunto, encerrando a corrente com um símbolo *de corte*.

Algumas pessoas vieram falar comigo sobre coisas que tinham visto ou sentido. Isto é um padrão para as práticas de cura e muitos pacientes costumam ir à Iara para ouvir algum tipo de aconselhamento baseado em suas impressões. O meu consistiu em que eu me iniciasse nos símbolos, o que não me provocou muita resistência pois, já neste momento, estava curiosa para compreender o que “havia acontecido ali”. Felizmente (ou infelizmente, posso dizer) eu não estava plenamente ciente do que representava uma iniciação do ponto de vista *ontológico*. Embora muitas teorias apontem a iniciação como um ritual que afeta o *ser* do iniciado, isto me parecia, inicialmente, demasiado distante do campo de possibilidades da minha experiência.

Como sugere a disciplina antropológica, a nossa filiação cultural é indissociável de nossos valores, comportamentos e pensamentos. Ao me iniciar na casa de reza de Iara, não deixei, do lado de fora, o *eu* que buscava investigar, pesquisar. A forma como o *vivido* e a minha vontade de *compreensão* se relacionaram nesta experiência foi se desenrolando em uma série de conflitos e encontros. Foi no momento em que eu estava sendo confrontada com um referencial cultural completamente distinto do meu que os contrastes próprios à relação de alteridade se tornaram mais evidentes.

O processo de iniciação, segundo posso extrair desta experiência, exige que o iniciado esteja aberto a uma revisão radical de seu ponto de vista, o que nem sempre é um processo linear e pacífico. É praticamente impossível prever que

tipos de reações uma pessoa pode ter durante uma iniciação, e as minhas não foram muito agradáveis. O momento que segue imediatamente à iniciação é de peso e desconforto, que vão se dissipando durante os dias seguintes, no período em que o iniciando segue algumas interdições.

No dia em que retornei à casa de reza para me iniciar pela primeira vez em símbolos nativos e Reiki, eu não tinha idéia do que iria acontecer. Em parte eu procurava apenas estar ali para *investigar* sobre um *tema*; por outro lado, o processo iniciático já havia me capturado integralmente, o que iria me propor um modo de conhecimento para além do olhar distanciado, próprio à investigação.

Minha primeira iniciação ocorreu às 8 da manhã de uma sexta-feira. Juntamente comigo iniciava-se Ricardo, um advogado de 45 anos, divorciado, o qual algumas pessoas apelidavam de “Cigano”. Ao chegar à casa de reza, Iara mostrou-me em uma folha de papel quais os símbolos que eu deveria conhecer. A princípio, eu deveria desenhá-los repetidas vezes para guardá-los em minha mente mas, ela me garantia, em certo momento estas formas se tornariam *naturais* para mim. Em seguida me perguntou o que eu conhecia sobre *energia*. Respondi que “nada, absolutamente”. Então ela falou: “no corpo humano nós temos uma coisa parecida com isso aqui”, e me apontou para um enfeite de natal prateado, de tipo festão, que estava preso à parede formando o dizer “LUZ E PAZ”. “A energia é igual a isso aqui”.

Durante a iniciação, permanecemos sentados, imóveis para “receber os símbolos”. Após um breve relaxamento, Iara colocara uma de suas mãos em minha cabeça e a outra na base de minha coluna. Em seguida, soprou em minha cabeça, ombros e pescoço. Imediatamente, percebi que aquele não era um processo para ser observado, mas para ser sentido intimamente. A iniciação é uma experiência que mobiliza intensamente os sentidos, e por isso, é de difícil tradução. Um frio percorreu a minha espinha e, logo, um calor subiu pela base de minha coluna até minha garganta, fazendo-me chorar. O Cigano esperava ao meu lado sua iniciação em pedras e símbolos. Parecia estar muito mais relaxado que eu, pois não mexia nem um centímetro. Podia ouvir sua respiração, semelhante a de quem se encontra em profunda entrega.

Em pouco mais de vinte minutos estávamos iniciados, sem que eu pudesse precisar o que havia ocorrido neste espaço de tempo. Para Ricardo, que já havia se iniciado anteriormente, a surpresa foi menor. Para mim, foi algo *extraordinário* e,

enfim, eu tinha certeza de que passara por um ritual, tal qual a definição clássica do termo em antropologia.

O que tivemos em seguida foi uma breve aula, onde nós deveríamos realizar uma sessão de cura na pajé. Neste momento nós seríamos “avaliados” por ela, o que me causou certa insegurança.

- *Qual o problema? Por acaso eu sou um monstro?*
- *Não, é só que eu não sei como fazer isso.*
- *É claro que sabe!*

Aquela era a primeira vez que eu participaria de uma sessão de cura, agora não mais como paciente. O que Iara estava tentando fazer-me entender é que o processo de cura é um processo inteiramente *normal*, se considerado do ponto de vista físico. Não exige uma perícia especial. Embora seja um ritual (com início, meio e fim) não exige do praticante nenhum tipo de *esforço*, mas apenas a preparação (o fechamento) e a intenção de curar.

Desde este primeiro momento notei que o trabalho de cura em nada poderia remeter a uma experiência ordinária. Foi preciso que eu readaptasse de maneira profunda minha forma de ver, sentir, e tocar o *outro* para que pudesse participar, de forma integral, das sessões que ocupariam parte do tempo de minha estada em campo. Neste momento, como que por conclusão de minha adaptação, notei também que meus interlocutores possuíam uma visão de mundo radicalmente diferente da minha, afinal estavam familiarizados, muito antes de eu entrar em seu meio, a sentirem este mundo inspirados pela experiência de cura. Não era possível que a praticassem e, em seguida, desligassem seu modo peculiar de percepção!

As reações do curador e do paciente, quando ocorrem, não são planejadas. Conquanto isso seja inicialmente difícil de compreender, é preciso que o curador e o paciente estejam dispostos a não controlar o processo de cura segundo sua vontade. Este *modo de fazer* da cura fez parte de meu treinamento, o qual será explicitado ao longo do texto.

Não afetar-se durante uma sessão não é uma possibilidade pois o trabalho sempre traz algum tipo de *comoção*. A começar pela temperatura do corpo do paciente e do curador: dois ventiladores por vezes não eram suficientes para reter

o calor de quatro curadores em trabalho. Dormência, pressão muscular, e uma infinita variedade de reações eram comuns.

Ainda que Iara tivesse uma história de vida bem peculiar que, por si só, mereceria virar tema de uma dissertação, eu não a via como mera *informante*, como conviria a uma relação segura e distanciada. Igualmente, não posso dizer que Iara foi minha *mestra*, se por esta palavra se compreende alguém que ensina coisas passíveis de serem absorvidas sem nenhum grau de crítica. *Mestra* era apenas a palavra comumente usada pelos alunos para se dirigir a ela.

No sistema Reiki, todos os iniciandos são introduzidos na prática por um mestre. O mestre é alguém que chegou ao *mestrado* de Reiki (último grau dentro das iniciações) e que, portanto, está apto a realizar iniciações em outros aspirantes. Algumas pessoas chamavam Iara de pajé, conforme a preferência.

Iara gostava de estabelecer certa equivalência na relação com seus alunos. “Todos que estão aqui podem fazer o mesmo que eu”, sem distinção. Evidentemente ela havia tido uma educação rígida, que a ensinara a suportar as mais longas horas de meditação em meio ao frio, ao calor, à necessidade material e quaisquer outros problemas mundanos a que uma pessoa comum pode ser submetida. Mas, na minha relação com ela eu não buscava ter acesso a este “tipo” de conhecimento; meu interesse estava focado em tentar compreender seu ponto de vista, como ser humano, pajé, índia e mãe. Este processo de compreensão, como apontam inúmeras reflexões sobre o trabalho de campo, terminaria por deslocar meu próprio ponto de vista.

Ela procurava valorizar a perseverança e o trabalho pois, segundo sua visão, a imagem do índio já havia sido maculada o suficiente por séculos de dominação cultural. Já não bastando a imagem do índio “preguiçoso”, não caberia que os próprios índios se enquadrassem no perfil. Isto era o que sua família a havia ensinado; e era também o que ela impunha aos que buscassem seguir sua disciplina.

Bebidas alcoólicas e drogas dentro do Instituto eram veementemente criticadas. Por ocasião da festa de aniversário de Acauã Pataxó, algumas caixas de bebidas alcoólicas haviam sido encomendadas. Iara foi enfática: “Quem foi que trouxe essa porcaria?”. Ela não exibia qualquer medo diante de cinco homens embriagados. Atiçar a raiva de alguns moradores tinha seu preço; algumas vezes

um tanto alto, como quando teve de enfrentar a fúria de moradores indignados. A crueza com que tratava alguns *parentes* ela exercia também com seus alunos.

Vocês perguntam muita coisa. Tem que ouvir uma vez, e guardar! Teve um tempo, em que eu estava em uma aldeia Guaraní. Apreendi muita coisa lá. Uma vez, eu estava com um pajé. E disse assim pra ele ‘Eu estou com frio’. Ele olhou pra mim, e começou a rir. Fiquei repetindo ‘Estou com frio, estou sentindo frio’, porque queria alguma coisa pra me cobrir. E ele só ria. Então eu lembrei que ele tinha me ensinado uma respiração para aquecer o corpo. Ele não disse nada; mas queria que eu lembrasse do que era pra fazer, sozinha.

Em grau menor, esse era o exemplo do tratamento que seus alunos recebiam. Embora reconhecesse que muitas vezes ela era “enérgica demais”, a maioria aceitava de bom grado suas famosas *bordunadas*. Ao menor deslize, ela alertava: “Are! Vou pegar a borduna, sem vergonha!”. Os que não concordavam com tal tipo de tratamento, iniciavam-se e, em seguida, desapareciam.

Durante o tempo de minha pesquisa, Iara teve em torno de vinte alunos regulares (conto apenas os que permaneceram freqüentando a casa por mais de um ano). A maior parte era de jovens, entre 20 e 30 anos, estudantes universitários. Às terças e quartas, seus alunos se reuniam para o treinamento.

O chão da casa de reza era feito de terra batida, o que permitia que uma pequena fogueira permanecesse sempre acesa no interior da casa. Lá Iara realizava, religiosamente suas meditações, onde ela dizia perceber o que “viria a acontecer durante o dia”. Algumas de suas atividades eram planejadas em função do que ela percebesse pela manhã. Acordar antes do sol nascer era uma das regras inegociáveis que ela exigia de seus alunos e dos índios que com ela realizassem iniciações. Dificilmente esta regra era seguida, embora ela a enfatizasse como uma das mais importantes para desenvolver a sabedoria.

– *Thini-á, vou te explicar uma coisa novamente... Ou você é pajé, ou não é. Não tem como virar; você nasce.*

Agora... pra desenvolver, é lento. Por exemplo, que horas o pajé lá [da aldeia] levanta?

– *Antes que o sol nasce. Ele diz ‘o sol não pode passar por sua cabeça’.*

– *Exato...*

– *Por exemplo: se minha mãe entrasse por essa porta agora, você ia dizer que é minha irmã... ela é parecida comigo. Mas você nunca ia dizer que ela tem mais de oitenta anos. Ela não tem uma ruga, não tem aquelas coisas debaixo do braço... as pernas é mais bonita que as minhas [risos]. Ela judiaria de você: ‘ah meu filho, foi a comida do branco que colocou pêlo em você. O açúcar, o óleo, que botou ruga em você... ela fala que é isso! Ela diz que foi a comida do branco*

que foi pra dentro da aldeia. Eu só vejo índio chegar aqui e dizer: ‘ah, não tem feijão, não tem arroz? Então não quero comer não.’

Sempre fui a primeira a questionar se tal regra poderia ser seguida à risca. Entretanto, em um dia que não pude sair do campo em razão do horário (uma reunião extrapolara o horário razoável) tive de permanecer na ocupação. À madrugada, sem conseguir dormir muito bem, vi que Nara já estava acordada, com a fogueira acesa. Como poderia acordar tão cedo, embora houvesse ido dormir tarde?

Embora Iara reconhecesse que ninguém *torna-se* pajé, mas *nasce* pajé, ela permanecia dando aulas sobre cura, cumprindo seu desejo de tornar-se uma *ponte* de conhecimento. Para ela, *ser pajé* era algo perfeitamente possível para quem não é índio ou descendente de índios. *Ser pajé* é um potencial relacionado à cura – como afirma – que pode se encontrar latente em qualquer pessoa.

Esta opinião me suscitava certos questionamentos, que compartilhei, certa vez, com Iandé Fulni-ô.

– Não sei se estou aprendendo alguma coisa aqui... Quer dizer, eu não sou índia, por que estou aprendendo essas coisas de índio?

– Mas eu já te falei que você não precisa aprender nada. Isso você já sabe. Você sabe melhor do que eu. – interrompeu Iara

– É, minha querida, às vezes, você não sabe fazer um ritual, não sabe nada. Mas você vai lá, com a sua força, e pede uma coisa, e aquilo tem mais efeito, tem mais efeito que eu que sei falar Yathê. – disse Iandé

Não *ser índio* não era impeditivo para um aprendizado, na opinião de Iandé. Já Iara dizia existirem alunos “mais índios que os índios” da ocupação. Sua filiação ancestral os aproximava das atividades de cura.

Não importa se o cabelo é liso ou não, se o olho é puxado ou não. O que importa é o que temos dentro de nós. O índio está dentro de nós. [Fala de Leandro Fulni-ô]

Esta crença aproximava os alunos dos curandeiros que chegavam à casa de reza. O estranhamento era contido com relação aos que foram iniciados por Iara pois eles eram considerados *iguais* dentro do trabalho de cura. A atividade dentro das metrópoles ajudou a familiarizar estes grupos com círculos de cura urbanos. Tanto Iandé quanto Leandro desenvolviam trabalhos esporádicos dentro de outros

espaços, com psicólogos, neo-xamãs, terapeutas, e outros profissionais. Na casa de reza, trabalhavam eventualmente com os alunos, se assim fossem solicitados.

No dia da iniciação em pedras, os iniciandos chegam à casa de reza pelas nove da manhã, trazendo frutas e outros alimentos que serão compartilhados durante o almoço. O interessado chega a casa já com alguma informação ou, algumas vezes, sem qualquer idéia do que irá ocorrer. Muitos dizem “vim fazer um tratamento de saúde”, e em semanas terminam por se iniciar. Outros dizem terem sido levados por seus guias, demonstrando familiaridade com o vocabulário da casa. Alguns são recusados por não se enquadrarem no perfil de cura, mas apenas uma pequena minoria é aconselhada a voltar. A uma jovem judia que veio a casa “tratar-se”, Iara recomendou: “vá estudar suas coisas de Kabbalah, você não tem nada a ver com índio”. Tais situações eram raras.

A iniciação no tratamento em pedras exige que o iniciando já tenha feito outras iniciações em símbolos anteriormente. Durante o ritual, a pajé conduz os iniciandos por uma vigem imaginária a uma aldeia, onde são recebidos por adultos e crianças. Após um pequeno período de relaxamento, ela começa a narrar uma viagem onde os alunos devem passar por um grande lago, chegando a uma caverna, onde, de fato, recebem a iniciação. Minha primeira iniciação em pedras aconteceu com dois outros alunos, que, na época, eram já experientes.

Os que pretendem se iniciar devem obter, inicialmente, quatro pedras redondas, que podem ser encontradas em rios. São pedras de tamanho médio, de modo a serem adequadas para o uso corporal.

As pedras não devem estar de modo algum rachadas pois estas, “não prestam pra curar”, como explica Leandro Fulni-ô. Pedras lisas e com formato arredondado são ideais. Quando um aluno vai buscar suas pedras em um rio, cachoeira, ou outro local com águas, ele não recebe qualquer orientação de qual pedra coletar. Iara é extremamente sucinta em explicações, e não gosta que seus alunos façam muitas perguntas, mesmo quando estão sujeitos a *errar*. Sua intenção, ela explica, é que os alunos aprendam, por si só, o quê e onde devem buscar os itens com que vão trabalhar, a que horas devem fazê-lo e como. Neste sentido, *errar* não significa desobedecer a uma regra, mas sim, ignorar a própria intuição. Nem mesmo o nome de ervas e óleos são facilmente revelados sem que o aluno tenha, inicialmente que cheirá-los, tocá-los. Se ele não sabe do que se trata, é melhor que arrisque. Se errar, tem a oportunidade de saber se, de fato, trata-se de

Artemísia ou Losna. Caso fique calado, corre o risco de receber outro silêncio como réplica.

Quanto às pedras, ela dá uma única orientação geral:

Passe a pedra no corpo e você vai saber se é para pegar esta pedra ou não.

Seguir essa orientação é a segurança de uma boa escolha. Caso o iniciando “se engane”, “as próprias pedras darão um jeito de sumir”. O forte simbolismo deste sistema confere vida e vontades próprias ao que cremos serem seres inanimados.

Se você deixar suas pedras expostas, assim, jogadas em qualquer lugar, elas sentem. Se uma pessoa não iniciada tocar nas suas pedras, elas sentem, como se você estivesse dando um tapa nelas.

Os que não dispensam os cuidados adequados aos seus instrumentos mágicos, estão sujeitos a perdê-los. Augusto Apurinã conta, com certo humor, como perdeu seu caderno repleto de desenhos de símbolos. “Foi alguma viagem que eu fiz.... Eu não sei, rapaz, só sei que perdi o caderno!” Como em outros sistemas mágicos, tal sumiço não pode ser atribuído à obra do acaso. “Eu sei porquê perdi o caderno....eu sei.” Augusto lamentava-se constantemente do episódio e de suas atitudes negligentes. Sua pouca disciplina era declarada por ele como causa de seus infortúnios e perda de seus itens mágicos. Augusto define seu encontro com o caminho de curandeiro da seguinte forma:

Desde pequeno eu tenho um negócio... Por exemplo, esse copo vai cair [pega um copo entre as mãos]. E eu via ele caindo antes dele cair! Entende? Eu sei que eu tenho que ir pra aldeia, estudar essas coisas com os velhos.... mas eu sou muito relaxado, sou muito relaxado....

Mas não adianta querer fazer outra coisa do que você tem que fazer.

Augusto veio para o Rio há mais de uma década, na esperança de se tornar ator. Com seu trabalho, conseguiu alguns recursos, o suficiente para manter um breve casamento.

– Rapaz, eu ganhei uma bolada de dinheiro com os trabalhos que eu fiz. Era uns cinqüenta mil, na época. Mas era muito dinheiro mesmo.

–Pergunte a ele o que aconteceu com o dinheiro. – diz Iara.

– Pois é, minha mulher gastou tudo, até o ultimo centavo!

Sua teimosia em ser ator, ao invés de seguir o caminho de curandeiro é apontado por ele como causa de sua má sorte. Augusto também recebeu sua iniciação em pedras, embora, diz Iara, não as preserve de modo adequado. Suas pedras ficam expostas, em um canto de seu quarto. Ela prenuncia: “Qualquer dia elas somem, e ele não vai saber porquê!”.

As viagens narradas no ritual de iniciação são vivenciadas de forma bastante diversas. Cada um é capaz de dar uma versão de sua própria experiência, que tem como base a narrativa elaborada por Iara. O forte cheiro de ervas e o relaxamento feito como preparativo à iniciação encarregam-se de auxiliar o iniciando em sua experiência. Ainda assim, para muitos, trata-se de um momento de literal tortura pois a intensidade do ritual pode causar intenso mal estar.

Ao fim de sua primeira iniciação em símbolos, Paula declarou, estirada em sua cadeira:

–Cara, como vocês agüentaram isso?!

Jovem e em plena saúde, Paula quase foi ao chão durante os vinte minutos que duraram sua iniciação. Estirada na cadeira, dizia que seu corpo doía intensamente, a ponto de não conseguir se movimentar. Com ela, iniciava-se também Lia e eu. Já estava em minha terceira iniciação; desta vez, com pedras. Ao fim, Lia estava bem, embora com aparência cansada. Eu, devo confessar, chorava, sem muita exaltação. Estava tocada pela beleza representada por aquele momento. Lia se adiantou.

– Você estava na caverna comigo. Eu estava na frente, você atrás. Eu dizia: vem logo, anda! Engraçado: eu estava usando um cocar que só tinha uma peninha, mas ela era na frente, e não atrás! [rindo um pouco] Você ficava enrolando, e eu ficava te chamando pra gente entrar na caverna....

– Lia, como você viu tudo isso, se eu não vi nada?

As longas descrições de Lia, de suas iniciações ou de suas experiências de cura, nem de longe eram compatíveis com as minhas, embora estivéssemos dentro do mesmo ritual. De fato, a intensidade da iniciação era, para mim, um tanto incômoda, embora bela; para outros, mais acostumados, era um momento de

felicidade extrema. Certa vez, comentando meu desconforto para Jarbas, ele me retrucou.

–Eu não entendo! Para mim foi muito bom! [comentando sua própria iniciação] Eu estava em um castelo, no alto de uma montanha, e vi coisas maravilhosas.... é muito maravilhoso, muito bonito. Não entendo como você pode se sentir assim.

Embora a narrativa da iniciação em pedras seja sempre a mesma, os iniciandos podem vivenciá-la segundo diferentes simbolismos. Jarbas era um professor de biologia muito interessado em meditação, e estava sempre disposto a aprender mais sobre cultura indígena. Havia lido dezenas de livros sobre cultura Guarani e, agora, se preparava para realizar o sonho de ir conhecer uma aldeia, assim que se aposentasse. Ouvia muitos de seus relatos sobre suas visões, embora não pudesse acompanhá-lo inteiramente.

Embora a experiência de Jarbas seja, como ele relata, quase sempre positiva durante os rituais, outras pessoas podem experimentar o completo oposto do êxtase. Valentina, que se iniciara no mesmo ritual que Jarbas, me relatou da seguinte forma.

–Tinha uma hora, quando a Iara colocou a mão em mim, que eu achei que minha coluna ia explodir! Eu queria não me mexer, mas eu não consegui. Eu tive que me mexer um pouco pra aliviar a minha dor.

Sensação de peso na cabeça ou pressão na coluna são comuns entre os menos afortunados que passam pelo ritual. Náuseas e mal estar também podem ser experimentados nos dias que se seguem. Isso é explicado como parte do movimento de *limpeza* ao qual o iniciando está sendo submetido. O grau de *comoção* gerado pelo ritual impede que o aspirante receba muitas iniciações de uma só vez, sob o risco de “não agüentar”, explica Iara. Iara fala do ritual de iniciação da seguinte maneira.

Eu sempre digo pra vocês: a pessoa normal é como se fosse uma lâmpada de 10 watts. Quando ela é iniciada, a luz dela aumenta.... ela passa a ter uma luz de 100 watts. E depois que ela se inicia, vai aumentando a luz, cada vez mais.

“Aumentar a luz” de uma pessoa pode trazer intenso mal-estar, para os novatos em rituais de iniciação. O único momento em que observei um aluno ser

iniciado sem maiores desconfortos em todos os níveis, com poucas semanas de diferença, foi quando Iara iniciou Edson. Este babalaô⁷, de pouco mais de trinta anos, recebeu quatro iniciações em um mesmo dia e, em seguida, segundo seu relato, permaneceu em repouso, por vinte e um dias, quando foi instruído espiritualmente a só comer alimentos brancos e a vestir-se de branco. Ainda assim, passou por alguns momentos de dificuldade.

Eu fiquei na casa do meu irmão, porque não estava em condições de fazer nada. Eu via os índios descenderem lá na terra, pegar terra, e jogar em cima de mim. Eles usam muita terra pra curar. Teve um dia que eu passei tanto frio, meu pai.... eu estava em um lugar cheio de gelo; era verão, mas eu me cobria com um edredom grosso. Tinha umas energias geladas cuidando de mim. Depois disso eu apaguei. Dormi umas 10 horas, graças a Deus.

Edson ficou vinte e um dias sem trabalhar e sem praticar qualquer atividade que exigisse seu esforço. Seu percurso como babalaô auxiliou sua recuperação física durante as iniciações. Além de alguns alunos espíritas, ele era o único a seguir uma religião definida: o culto de Ifá. Para ele, o Reiki e os símbolos não apresentavam conflito com o culto de Ifá; ao contrário, ele diz que este conhecimento o auxiliou em suas atividades como sacerdote, como ele relata.

Em Ifá também tem símbolo nativo. Os Odu⁸ são símbolos nativos, se você reparar. Quando eu fui na Nigéria, pra fazer uma iniciação, usei os símbolos o tempo todo! Qualquer dificuldade que eu passava... Os símbolos fazem parte da Inteligência Universal. É o mesmo que Ifá. Você não gosta de xamanismo? Então, os Odu são símbolos nativos também.... É xamanismo africano. Me ajudou muito nas minhas coisas em Ifá me iniciar nos símbolos...

Para Edson, os Símbolos Nativos aprendidos durante sua iniciação não são propriamente indígenas, mas símbolos de Olodumaré (Inteligência Universal ou Deus), suprema divindade no culto de Ifá.

Quando Edson veio à casa de reza para se iniciar, alguns alunos estranharam o fato de que um babalaô *pudesse* se iniciar. Edson trouxe a casa o

⁷ Sacerdote do culto de Ifá

⁸ “Odu: sinal indicando o tipo de queda do colar de Ifá ou dos búzios com os quais se faz a adivinhação”. **BASTIDE**, Roger. *O Candomblé da Bahia: Rito Nago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 311 No candomblé, os odus correspondem às caídas do Opelé, instrumento da prática divinatória. O traçado do Odu, necessário para algumas práticas rituais, se dá na forma de um símbolo com duas colunas.

tema do candomblé e dos orixás, aos quais muitos não estavam acostumados, ou sequer tinham ouvido falar. Um conflito começou a tomar corpo quando o Cigano começou a perceber que Edson estava passando por suas etapas de iniciação rápido demais. Quando alguns alunos de Iara estavam presentes, após uma aula, o Cigano disse a todos de forma mordaz:

– Eu nunca tinha ouvido essa história de orixá antes... Até ele chegar aqui, ninguém nunca falava em Orixá. Por que agora tem que ter Orixá? Eu não tenho Orixá.

– Todo mundo tem Orixá – disse Edson

– Mas como que eu sei qual é o meu Orixá? Não tem como eu saber. Eu não sabia que agora tinha que ter Orixá. Porque que agora tem isso?

– Olha, eu já iniciei Mãe de Santo, e elas trabalham com Reiki também. Eu já iniciei uma vovó, que só tomava champanhe. Depois que ela se iniciou, a vovó dizia assim: ‘eu agora não bebo mais champanhe. Eu agora quero água com mel’.

– Porque que agora só se fala nisso? Eu não tenho visão para isso. Eu uso minha intuição, eu não uso visão, então como que eu vou saber se eu tenho uma entidade?

– Orixá não é entidade. É um tipo de energia, é um tipo de frequência. – disse outro aluno.

– Graças a Deus alguém disse isso – arrematou Edson

– Não concordo. Eu acho que eu não tenho que ter Orixá.

A resistência com o assunto advinha do fato de Edson não ser mestre em símbolos àquela época, enquanto o Cigano já havia galgado o mestrado há mais de ano. O fato das hierarquias serem eventualmente quebradas em razão da aptidão de cura de um aluno novo incomodava os que acreditavam possuir maior capacidade, ou poder em razão de suas iniciações. Por esta razão, Iara não realizava muitas iniciações em mestrado já que, a maioria, buscava iniciar-se pelo título. Durante os dois anos da pesquisa, ela realizou apenas uma iniciação coletiva de mestrado.

Se a casa de reza era a sede das iniciações em símbolos e pedras, resta saber como os próprios moradores lidavam com o fluxo de pessoas que vinha à ocupação para participar de suas atividades. Não havia um entendimento homogêneo sobre o que Iara *fazia* – se ela era “pajé”, “uma bruxa”, ou uma “charlatã”. Os moradores tinham reservas quanto a sua casa já que não sabiam exatamente o que lá se passava. Iara era mais freqüentemente vista como “bruxa” pois havia boatos de que ela havia desfeito um trabalho grande de magia, encomendado por um dos moradores da ocupação. Embora muitos a quisessem

fora do espaço, sua resistência aos ataques só poderia ser fruto de alguma força mágica; daí seu apelido “bruxa”. Ainda assim, Iara não se incomodava com os boatos, ao contrário, ria-se deles. Apesar dos desentendimentos, alguns índios consultavam-se com ela, quando enfermos.

Se Iara era a “bruxa”, que podia curar ou ferir, os freqüentadores da casa eram os “alunos de Iara”, cuja fama não diferia muito da de sua mestra. Relações de amizades entre os alunos e os moradores eram comuns, mas isto não melhorava sua relação com a pajé.

5.2

Corpo

Durante a cura com pedras e símbolos, o corpo se encontra presente, vivo, atuante. Para quem observa de fora, o processo de cura parece bastante estático; para o curador e o paciente, é nítido o engajamento do corpo durante o ato simbólico. A iniciação, bem como as sessões de cura e os rituais visam à cura do corpo, seu bem estar e, por isso, exigem sua presença e participação.

O corpo do curador, durante a cura, está aberto a uma série de sensações e processos pouco controláveis. Os relatos envolvendo experiências de cura são muito enfáticos sobre o engajamento sensitivo implicado nestes processos. De diferentes formas, os curadores e pacientes, *vêem, sentem, têm impressões, escutam*, o que revela a participação de sua sensibilidade.

– *Leandro, o que é isso de ver? – pergunto*

– *Você tem que ver com o corpo. Por exemplo, eu estava em um supermercado com a minha mulher. Eu estava assim, de frente pra uma prateleira, e eu senti uma pessoa vindo atrás de mim. Minha mulher estava atrás de mim, e tinha um homem, olhando para ela, atrás de mim. Eu vi, vi com esse olho [apontando para o centro de sua testa], entende? Vi com as minhas costas [colocando a mão em sua nuca], entende? Quando você ver [sic], você não vai ver assim, de olho aberto. Fecha os olhos.*

Então, eu fechei os olhos. Percebi que fez algum movimento com a mão, próximo a mim.

– *Para onde a minha mão foi?*

– *Para a direita?*

– *Isso, justamente, é assim que você vai ver. O olho é sujo, você não pode ver com os olhos.*

O *ver* implicado na cura pode durar “um piscar de olhos”, como diz Iara. É uma *impressão*. Conforme o curador avança em sua prática, suas impressões vão se tornando mais nítidas, mais reais, de acordo com o desenvolvimento de sua sensibilidade. A necessidade de *aulas* de curas é, em grande parte, atribuída à necessidade de desenvolvimento destas capacidades.

É atribuído à sensibilidade o ritmo e as etapas da sessão de cura. De acordo com o Reiki, que Iara considera a forma mais eficaz de conduzir uma sessão de cura e que ela equivale a uma *pajelança*, há uma série de estágios durante a sessão que devem ser seguidos pelos curadores de maneira sincronizada. Se os dois ou três curadores envolvidos não estiverem atentos para o ritmo uns dos outros, não haverá sincronia e a sessão será prejudicada. É preciso um engajamento da atenção para que todos saibam quando começar, quando trocarem suas posições, e quando encerrar a sessão.

O Reiki, como praticado na casa de reza, é feito com imposição de mãos e sopros. Como relatado, primeiramente, os curadores se fecham; em seguida posicionam-se próximo ao paciente. No caso de serem dois curadores ou mais, alguém deve ocupar-se exclusivamente da cabeça (área considerada mais sensível do corpo) enquanto os demais ficam encarregados de fazer a aplicação no restante do corpo. As mãos do curador percorrem as áreas da cabeça e do corpo de maneira sincronizada. Há mais de vinte áreas de aplicação obrigatórias – maçã do rosto e olhos, orelhas, topo da cabeça, garganta, peito, área do estômago, pelve, ombros, ombro esquerdo e cotovelo esquerdo, ombro esquerdo e mão esquerda, ombro direito e cotovelo direito, ombro direito e mão direita, virilha, virilha e joelho, virilha e pés, ambos os pés. Seguindo esta ordem, todo o corpo receberá a aplicação, na parte frontal e dorsal. Iara escolhe esta seqüência por acreditar que a cura do corpo se dá a partir da cabeça. “A luz sempre entra pela cabeça, indo para os pés, por isso tem que começar pela cabeça”. Alguns curadores, entretanto, acreditam que a maior eficácia se dá quando inicia-se pelos pés do doente.

Para as pedras, o processo é semelhante. Quando iniciado em pedras, o curador deve aquecê-las na água dentro de uma panela ou recipiente (de barro ou laqueada, preferencialmente). Em seguida, elas são secas e aplicadas no corpo do paciente deitado. Seu corpo é coberto com panos brancos. As pedras são colocadas segundo a ordem umbigo, pelve, estômago, coração, glândula timo, mãos e pés. Antes de fixá-las aos pés, amarrando com panos brancos, as pedras

dos pés devem percorrer toda a área da perna, a partir do umbigo. Ela é passada, com movimentos leves, desde o umbigo, até o pé, até que toda a área das duas pernas tenham sido cobertas. Uma pedra que tenha sido iniciada para uma determinada função (como, por exemplo, a pedra responsável pelo coração) não pode receber outra aplicação. Será, desde sempre, a pedra responsável pela cura da área do corpo para a qual foi escolhida. Todos os movimentos devem ser acompanhados de sopros. Como a sensação dos pacientes durante o tratamento geralmente é de extremo frio, eles são cobertos com um lençol.

Iara raramente participa das sessões. Ela permanece presente apenas quando o curador é recém iniciado; em seguida, seus alunos passam a fazer sessões sozinhos, ou em conjunto. Muitos pacientes são os próprios alunos, que buscam a sessão para aliviar algum tipo de desconforto ou dor.

A solução do *problema* que faz alguém buscar a casa de reza não inclui somente as sessões de cura. Há uma *reeducação* envolvida, que varia enormemente de pessoa para pessoa. Um tratamento para ansiedade, por exemplo, pode consistir em comer, o mais vagarosamente possível, uma única fruta.

– Eu vim pra receber um dia, aqui na casa. Quando saí da maca me disseram que eu ‘tinha de parar, e comer uma fruta amarela bem devagar’. Eu chorei tanto, mais tanto.... Comi uma banana, mas é como se eu nunca tivesse comido isso. Eu só fazia chorar.

Adriane, uma jovem fotógrafa que sofria de ansiedade, tinha de experimentar a tranquilidade enquanto *comia*. Ela exaltava-se com seu progresso, embora Iara não se manifestasse. Quando acordou de uma das sessões de cura, ela disse, um pouco afetada.

– Iara, Iara... que coisa linda, que coisa maravilhosa. Eu tava numa cachoeira, viu? Eu tava lá, como se eu tivesse aqui. A água caía na minha cabeça, uma delícia. Você tava lá também. É como se eu estivesse....

– Are... E daí? Fui eu que te levei lá, ora.

– Eu sei! Eu sei! Mas é como se eu estivesse acordada, mas eu estava na cachoeira...

– Are. Deixe de ser boba.

Iara era reservada quanto à exaltação de seus alunos pois, ela insistia, o que *vemos e ouvimos* devemos manter “para nós”. Muitos compartilhavam suas

visões e impressões, mas, segundo ela, nem tudo deve ser compartilhado pois estas experiências são *íntimas*, e remetem à força do curador.

– *Quando eu estava com a mão na sua cabeça, parecia que minha mão podia entrar na sua cabeça, como se ela fosse gigante. Aí eu abri os olhos, e minha mão continuava normal, mas quando eu fechava, parecia que tava dentro da sua cabeça.*

– *Mas tava mesmo.* – disse Iara

– *Aí teve uma hora que eu fui com você para outro lugar.*

– *Eu sei, foi você que me levou lá. Não pode abrir os olhos, ouviu? Não pode! Senão você corta.*

Era difícil convencer os novos alunos de que *aquilo que eles experimentavam era real*. Edgard ora abria os olhos, ora fechava, só para saber se esta realidade *continuava a mesma* ou se *tinha mudado*, de acordo com sua experiência. A riqueza da experiência de cura estava, justamente, em comover-se⁹. Agarrar-se ao vivido fazia parte da própria *cura* do paciente, e mesmo do curador. Iara não recusava nenhuma sessão de cura enquanto paciente pois, *ela também estava se curando*. Se Iara pudesse receber pedras de seus alunos e ir pra cachoeira por trinta minutos, seu corpo estaria revigorado.

– *Ora, não dizem que a gente tem sete corpos? Porque a gente não pode largar essa porcaria aqui [segurando sua blusa, referindo-se a seu corpo] e ir passear? Com as pedras eu posso ir aonde eu quiser!*

Se o destino for uma cachoeira, tanto melhor. O *corpo* físico se cura se os outros *corpos*¹⁰ têm *experiências de cura*. Ir a uma cachoeira, a uma aldeia, a um templo – tudo depende do que o *corpo* necessita experimentar.

As sessões podem resultar em um completo restabelecimento do corpo físico, sarando feridas e problemas graves. Um dos casos mais impressionantes de pacientes dentro da casa foi o de uma aluna de Iara, que se curou completamente de uma hérnia de disco com poucas sessões. Embora fosse extremamente jovem,

⁹ *Comover* pode sugerir tanto um deslocamento, um sair do lugar físico, quanto um abalo de natureza emocional. “Deslocar, mover muito, fortemente; (...) || Causar comoção, abalar, agitar moralmente; impressionar; despertar sentimentos de dó, piedade; falar ao coração, enternecer”. **SILVA**, Antônio de Moraes. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10ª Ed. Lisboa: Confluência.

¹⁰ O Reiki é baseado na teoria de que o ser humano possui sete corpos ou planos de consciência: físico, etérico, astral, mental inferior, mental superior, búdico e átmico. Retirado de **PETTER**, Frank Arjava. *O Fogo Do Reiki: Novas Informações Sobre As Origens Do Poder*. São Paulo: Pensamento. 2005.

sua doença estava em estágio avançado, o que exigia uma cirurgia hospitalar. Ainda assim, ela teve confiança de que poderia tratar seu mal na casa de reza, pois conhecia intimamente esta forma de tratamento. Curadora há mais de cinco anos, Raquel trabalhava em um Spa-pousada, na cidade de Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Iara havia trabalhado com ela anos antes na pousada, ocasião em que se conheceram.

Raquel optou pelo tratamento com Iara e seus alunos, embora soubesse que sua recuperação seria mais lenta e dolorosa. Trouxe suas malas para permanecer 30 dias na ocupação, tempo em que teve de conservar-se quase imóvel. Ela recebia auxílio para quase todas as atividades diárias como banho e alimentação pois o tratamento resultou em dores permanentes e intenso sangramento. Ao fim do mês, já recuperada, pôde dispensar a cirurgia pois sua coluna fora restaurada pela sessões.

Embora a cura de um mal específico possa ser alcançada com o empenho do paciente e do curador, a *cura*, em sentido amplo nunca pode chegar ao fim. Não há cura para o mal da existência. O fim de todo o mal se equipararia à perfeição do corpo e do espírito ou, na lógica de Iara, à *morte*.

– Iara, seria possível se curar de tudo? De todas as doenças, de todos os problemas? – pergunto.

– Olhe, eu já estou tentando há cinquenta e nove anos e até agora não consegui! E não tem como conseguir mesmo porque, o dia em que você se curar de tudo você vai sair voando por esta janela, feito um anjinho, em direção ao céu!

– Ai! Se você algum dia conseguir se curar, por favor, não me chame já que eu estou muito bem aqui, obrigado! Se for sair voando, vá sozinha! – completou Edson.

Os curadores também se envolvem, experimentando sensações que paulatinamente vão aprendendo a classificar. Devem aprender a distinguir o que, dentro da experiência, diz respeito a ele, ao paciente e ao processo de cura. Se o curador sente uma queimação no braço isso pode remeter tanto a uma doença do paciente quanto à sensação de *força* envolvida no processo de cura. Pode significar também uma limitação física de seu próprio braço para administrar a pressão envolvida durante o processo. Dores musculares podem surgir em apenas uma sessão. O curador é capaz de *plasmar*¹¹ as dores do doente; entretanto ele

¹¹ Uso um termo elaborado por Csordas em seu estudo sobre curadores do movimento carismáticos: “(...) os carismáticos normalmente vêm situações ou imagens de problemas, em vez

deve estar em condições de classificar e distinguir se esta experiência realmente remete ao *outro* ou não. Se o curador identifica alguma doença do paciente, tal experiência deve então ser relatada, comunicada. Uma úlcera foi descrita da seguinte forma por um curador.

– *Meu deus. O José tinha uma ferida enorme na barriga. Estava tudo preto, o pus estava saindo para fora, meu deus. O cheiro era insuportável, fedia muito. Ele tem de parar de comer coisa que fermenta, pão, feijão, biscoito.... Ele também estava com um buraco na cabeça. Tinha um buraco assim; já vazou energia vital [fazendo um gesto de círculo, com a mãos]. Tem que procurar um médico, para ontem. [Relato de Edson].*

O *cheiro* de coisa *podre* era a úlcera que João buscava tratar há anos, sem sucesso. Ele chegara à casa de Iara, segundo seu relato, sem poder “dobrar os joelhos”, pois suas pernas eram bastante inchadas.

Espasmos e pressões sentidas pelo paciente podem indicar algum bloqueio que está sendo “mexido” pela experiência de cura. “As pedras mexem com muita coisa”, diz Iara, pois as pedras se movimentam no corpo.

– *Quando eu fiz pedras pela primeira vez eu vi elas pulando. Eu pensei: ‘Jesus, o que é isso? Essas pedras estão pulando!’ Quando eu levantei, falei pra Denise: ‘você viu as pedras pulando?’ Ela deu um chique: ‘Quê? Que história é essa de pedra pulando, eu não vi nada!’.* – Disse Edson
Iara ri – *Ah! Ainda bem, senão ela ia correndo, daqui a outra cidade!*
– *Ela é medrosa.... mas as pedras pularam, que eu vi. Elas entravam no meu corpo e saíam. Saía tanta sujeira...*

Demorei a compreender que Edson estava dizendo que as pedras pulavam *literalmente*¹². As pedras *pulam sobre o corpo* do paciente, como ele próprio

de problemas objetificados como espíritos. Talvez as mais semelhantes sejam as experiências proprioceptivas, ou *plasmaciones*. Koss-Chioino ([s.d.]) cita o uso do verbo *plasmar* para referir-se aos médiuns moldando ou formando as dores ou sofrimentos emocionais dos clientes dentro dos seus próprios corpos.” CSORDAS, Thomas J. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. P 378

¹² Por vezes, o pesquisador demora a entender que seus interlocutores falam de maneira literal. “Leva-se algum tempo (ou pelo menos eu levei algum tempo) para entender que, quando todos os membros da família de um menino javanês me diziam que ele tinha caído de uma árvore e quebrado a perna, porque seu avô, já falecido, o tinha puxado, já que a família tinha esquecido de cumprir uma obrigação ritual que era devida a este avô, para eles, aquilo era o começo, o meio e o fim do assunto. Era exatamente o que eles achavam que tinha acontecido, era tudo que eles achavam que tinha acontecido, e ficaram perplexos com o fato de eu estar perplexo por eles não demonstrarem a menor perplexidade. E quando, em Java, depois de escutar uma estória longa e complicada contada por uma camponesa velha e analfabeta – um tipo clássico se é que existem tipos clássicos – sobre o papel que a ‘cobra do dia’ desempenha quando os javaneses querem saber se é ou não aconselhável viajar, dar uma festa, ou contrair matrimônio (...) perguntei como era essa

observa, embora possam estar completamente inertes para outro observador. Elas *entram e saem* do corpo, purificando-o. Porque elas *pulam*, o curador deve colocá-las com cuidado, e não manter a mão sobre elas durante muito tempo. Elas devem “trabalhar sozinhas”, diz Iara.

Embora o curador apenas coloque a pedra sobre o paciente, isso não significa que ele não esteja *fazendo nada*. Um curador pode *trabalhar* ainda sem realizar esforço pois, como é dito, não é o curador quem faz, mas *o poder espiritual* ou, simplesmente, *os espíritos*. Para usar este poder, não é preciso *esforço*, ou *atividade*, mas sim *atenção*¹³. Dentro desta lógica, a separação entre corpo e espírito é colapsada. Certo dia, tive a oportunidade de assistir a uma iniciação de outros alunos. Era uma iniciação em Reiki e Símbolos de dois jovens e uma menina. Iara resolveu deixar-me assistir à iniciação para que eu comesse a aprender como realizar o processo. Ao final da iniciação, sentindo-me cansada, comentei com Iara.

- Não sei porque, mas estou tão cansada...
- Claro, você estava trabalhando!
- Como assim? Não fiz nada; só assisti à iniciação.
- Mas você estava trabalhando. Uma dia você vai entender isso.

Iara diz que, durante a aplicação de pedras, o curador *trabalha*. Embora sua única tarefa seja pôr as pedras nos locais do corpo correspondentes, basta a atenção e a intenção para que haja *poder* envolvido. O desgaste, dentro desta lógica, é atribuído a uma *inexperiência* do praticante. Alguns curadores são orientados a ‘não ficar com o que não é seu’, ‘limpar-se bem’, ‘fechar-se bem’,

cobra do dia, e o que ouvi foi “Não seja bobo! A gente não pode ver a terça-feira, pode?”, comecei a perceber que até as coisas que são evidentes só são evidentes aos olhos dos que as estão vendo.” **GERTZ**, Clifford. *O saber local*. Novos ensaios em antropologia interpretativa. 5a Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

¹³ Citando Merleau-Ponty (1962), Csordas lembra que a *atenção* é o movimento, dentro da fenomenologia, que confere existência ao objeto percebido: “Merleau-Ponty (1962, p.30) vai mais longe, indicando que a atenção, de fato, confere existência ao objeto para a consciência perceptiva: Prestar atenção não é meramente avançar na elucidação de dados preexistentes, é induzir uma nova articulação deles tomando-os como figuras. Eles são executados apenas como *horizonte*, eles constituem, na realidade novas regiões do mundo total [...] Assim a atenção não é nem uma associação de imagens nem o retorno a si mesmo do pensamento já em controle de seus objetos, mas a *constituição ativa de um novo objeto* que torna explícito e articulado aquilo que até então era apresentado como não mais do que um horizonte indeterminado.” **CSORDAS**, Thomas J. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. P. 371.

manter o ‘períneo contraído’¹⁴. A estafa ou sensações de incômodo são atribuídas à in experiência na administração do *poder* envolvido no processo de cura, que é ao mesmo tempo uma técnica corporal e simbólica.

Durante o período em que freqüentam a casa de reza, os alunos são estimulados a fazerem alguns exercícios que Iara considera formas de estimular a percepção. Ela guarda algumas apostilas de seus cursos, e distribui o material entre seus alunos. O material sobre Reiki e cura contém uma série de apresentações sobre a origem do método, sua prática e exercícios de meditação. Iara pede a seus alunos para que dêem atenção especial a estes exercícios que, em sua maioria, são disciplinadores do corpo.

Um dos exercícios sugere que o praticante movimente os olhos em quatro direções e, em seguida, olhe fixo para uma forma geométrica de duas cores. Adverte-se que quem o pratica, inicialmente, pode sentir dor de cabeça e náuseas mas que, com o tempo, ele aguçar a sua *visão*. Outro, que busca desenvolver a empatia do curador, pede para que dois praticantes troquem alguns cartões com figuras, buscando a cada vez adivinhar qual cartão está em posse do outro.

Iara afirma que muitas das técnicas corporais descritas nos materiais são similares a outras práticas que ela identifica como indígenas. A contração do períneo, por exemplo, como forma de administrar o fluxo de energia no corpo é algo que seu avô a ensinara.

– Uma vez eu fui num desses workshops, que eu nem sabia do que que era. Um amigo meu tava comentando que ia ter esse workshop, numa casa dessas de cursos, mas era muito caro e eu não podia pagar. Era 300 reais para dois dias, uma coisa assim. Aí ele falou ‘vai, vai que eu te pago o curso’; então acabou que eu fui. Quando eu cheguei lá a mulher tava ensinando sabe o que? Pompoar. Ela ficava ensinando a contrair o períneo! E tava cheio de gente, Daniele. Eu só ria, ria. Há! Uma coisa que eu sei fazer desde os cinco anos de idade!

As pedras também auxiliam a melhorar a percepção que o paciente tem de seu próprio corpo. Uma das pedras, a da glândula timo, é uma das mais importantes pois o timo é considerado um componente essencial do sistema imunológico. Iara conta, jocosamente, quando teve de procurar um médico que soubesse qual era a função dessa glândula.

¹⁴ Uma das maneiras de ‘fechar-se’, além do traçado dos símbolos mágicos é contrair o períneo durante a cura. Esta técnica é melhor descrita em materiais sobre o Reiki.

Uma vez eu tive de ir no médico. Mas eu não fui em qualquer porcaria. Quando eu cheguei na clínica, me mandaram pro primeiro. Eu perguntei: ‘onde fica a glândula pineal e o timo?’. O cara não sabia. Are! Fui procurar outro. ‘Onde fica a glândula pineal e a timo?’, também não sabia. Voltei pra mulher do hospital, e disse: ‘você pare, por favor, de me enviar para estes carnicheiros?’. Aí ela falou ‘vou te arranjar um médico que você vai gostar’. Antes de botar meu pé na sala, já na porta, perguntei: ‘Onde fica a glândula pineal e a glândula do timo?’. ‘A primeira fica no centro da cabeça. A glândula do timo é algo novo na medicina, fica atrás do coração’. ‘Ah! Agora eu posso entrar’!

A consciência corporal e aprendizado de técnicas são de extrema importância para quem se inicia em símbolos. ‘Não tem nada estranho que aconteça com o meu corpo que eu não sinta na hora’, Iara exemplifica. A percepção do corpo do paciente, o *outro* dentro do processo de cura, é aperfeiçoada quando o curador melhora a percepção de seu próprio corpo.

Os curandeiros indígenas que chegam ao Instituto, a convite de Iara ou para participarem de outras atividades no Rio, são enfáticos em destacar a importância do *corpo* para o aprendizado de cura. Para eles, a percepção está ligada ao corpo e, também, à linguagem. A linguagem é uma fonte de poder que se expressa através do corpo. Saber usar o corpo, ter seu domínio é equivalente a conhecer a língua. Corpo e língua são lócus de poder.

Os espíritos usam o corpo humano para dizer as coisas. Eles usam metáforas. ‘O que a sua barriga necessita’ ou ‘Com as suas próprias mãos, você se danou’. O pajé não fala ‘Você fez errado’. Ele nunca vai falar isso. Ele usa a metáfora, e você tem que traduzir. A linguagem ritual, a linguagem dos espíritos não é a linguagem direta. Eles é que entendem. Como nós estamos distante deles, e desconectados deles, a gente tem dificuldade de entender. A linguagem deles sempre usa o corpo humano. A primeira base da linguagem é o corpo humano. ‘Unha’, ‘Dedo’, ‘Mão’. Importantíssimo conhecer o braço, a mão, o corpo. Isso é o conhecimento ritual. Porque? Porque o ritual usa o corpo para falar. ‘Quando você colocar os pés na frente, eles vão te receber bem’. Ele não vai dizer ‘Quando você entrar’; ele vai dizer ‘Quando você botar os pés’. Tudo com relação ao corpo humano. No Yathê, se você não conhecer o corpo humano, você não conhece a linguagem. Quando a gente perde a língua, a gente perde contato com os espíritos, porque não entende mais a linguagem. Por exemplo, ele vai dizer ‘Quando o sol nascer, e o cabelo da sua cabeça ficar branquinho, você vai morrer’. Ele não vai dizer, ‘Você vai morrer, com aproximadamente tantos anos’.... [risos] Se você não sabe a língua, ‘Que é cabeça? Que é cabelo?’, você fica perdido [Fala de Iandê Fulniô]

Palavras sonhadas, ouvidas, percebidas – tudo tem significação e relevância enquanto elemento de poder. Cantos e palavras desconhecidas são usados durante a cura, quase sempre com inconsciência do curador. As palavras são elementos tão importantes quanto as mãos e o corpo.

Tem gente que diz que sabe tudo. Eu digo: ‘não sabe’. Eu não sei, ninguém sabe. Tem um homem que diz que fez um dicionário, com todas as palavras que existem em Yathê. Eu digo que não fez. Nem eu conheço todas as palavras, como ele conhece? Às vezes eu sonho com uma palavra, e eu não conheço. Então eu vou perguntar aos mais velhos o que significa. Às vezes eles sabem, outras vezes, não. Por isso eu digo ‘de onde vem a língua?’. Tem palavras que eu sei, que ninguém mais sabe. Se nem os mais velhos sabem o que significa, esse lingüista também não sabe. [Leandro Fulni-ô]

5.3

Magia e narrativa no Instituto Tamoio dos Povos Originários

Lia, aluna de Iara que me apresentou o Instituto Tamoio, faz questão de lembrar quanto cuidado se deve ter ao lidar com índios:

– São todos feiticeiros

Quando de passagem pelo Rio, Leandro Fulni-ô tratou de diversas pessoas que padeciam de diferentes males: doenças, depressão, falta de dinheiro, desilusões. Durante o período, estive ao lado dos alunos de Iara participando das sessões de cura na casa de reza. Organizou uma fogueira ritual com homens e mulheres, da qual participaram quase trinta pessoas. Durante a fogueira aconselhou a todos sobre os mais diversos assuntos: relacionamento, espiritualidade, prosperidade, fé.

Secretamente, recorreu à magia para garantir um bom retorno financeiro durante sua visita à cidade, além de uma pessoa que disponibilizasse seu carro e seu tempo para levá-lo a todos os compromissos que fossem necessários. Para tal, bastou um colar, entregue a uma das alunas de Iara

O colar passou às mãos de Lia como um “presente” o qual, teria dito Leandro, “eram de seus avós”. Certa vez, ao vir ao Instituto Tamoio, Lia foi surpreendida com a seguinte ordem.

Você ganhou um presente do Leandro? Cuidado com ele.

Uma pequena mensagem é suficiente para que a vítima compreenda sua situação e cuide de sua proteção.

O dilema quanto ao uso da magia ocupava permanentemente os discursos de Iara e de outros curandeiros que passaram pelo Instituto Tamoio. Leandro Fulni-ô era enfático sobre esse assunto:

Nunca se deve usar o poder para fazer o mal.

Fazer o mal era sinônimo de prejudicar ou manipular segundo sua própria vontade uma determinada pessoa. Entretanto, os exemplos de Leandro eram emblemáticos a respeito do uso do poder pois, quase sempre, revelavam a ambigüidade que ele tentava evitar com seus conselhos sobre “fazer o bem”. Ele conta:

Meu avô era pajé, era um homem muito poderoso. Mas, onde ele morava, os brancos humilhavam ele. Aí teve um dia, que ele tava andando pelo mato com muita fome, muita mesmo. Ele pediu pro céu, ‘por favor, meu Deus, preciso de comida’. Essas terras onde ele estava andando era de uma família rica. Ele passava nessas terras, e a família nunca dava um prato de comida. Nesse dia, ele cruzou com o filho dessa família, e fez com que ele engasgasse. A criança passou muito mal, e os pais convidaram ele para entrar na casa. ‘O senhor pode curar meu filho, por favor!’. Então, em troca da cura, ele recebeu um prato de alimento. [fala de Leandro Fulni-ô]

Iandé Fulni-ô sempre respeitara o uso do *segredo* aprendido em sua aldeia. A necessidade de critérios quanto à prática da magia permeava seu discurso. Se alguma situação que envolvesse seu poder fosse *indevida*, deve-se culpar antes o acaso que o próprio mago!

– Sabe qual é o nosso problema? É que a gente observa muito pouco os nossos movimentos.... Por exemplo: você está esperando um ônibus. Então ele passa. Aí, você com pressa de chegar xinga o cara do ônibus. Mas você nunca agradece que aquele ônibus não parou! Você queria que parasse pra você, então você xinga. Eu perdi uma namorada por causa disso. Escute esta história com atenção. Você sabe disso, você sabe dessa força que o nosso povo tem. Eu namorava uma menina que morava aqui no Grajaú. Eu fiz sinal prum ônibus, ali em Botafogo, mas ele não pára. Como tava congestionado, ele parou. Mas não pra mim. Ele teve que parar por causa do trânsito. Eu falei ‘vamos lá, amor, correr atrás do ônibus’, e nós fomos. Quando a gente chegou na porta, o cara não abria. Iara, eu conto isso, eu me orgulho, porque eu sou protegido demais.... Eu fiquei na porta, pedindo ‘Abre motorista, abre’. Com muita insistência, ele abriu. Aí eu fui falar com ele. Eu juro, era um rapaz... perguntei: ‘porque você não parou? O ponto era ali’, mas eu estava em uma paz. Eu falei que eu era igual a todo mundo, que tinha direito de pegar o ônibus. Ele levantou e falou assim: ‘você cala a sua boca, senão eu estouro a sua cara neste momento’. Era um cara enorme, tinha uns dois metros. Eu falei ‘calma! Se é para estourar a

mina cara, eu vou calar a minha boca'. Eu calei a minha boca, e sentei. Só que eu não me conformei com aquilo. Aí eu comecei a falar que nem doido, em Yathê, e todo mundo escutando. Eu perguntava 'meus índios, meu povo. Onde vocês estão que não estão vendo o que esse homem está fazendo comigo? O que é respeito ao ser humano?'. Eu só falei isso. Iara, pra que eu fui falar isso?

Logo depois, o ar condicionado quebra. Quarenta graus no Rio de Janeiro, um monte de gente entrando. Meu amigo, acredite, porque eu não tenho porque inventar essa história. Começou o inferno astral deste homem. Quando chegou na rodoviária, entrou um armário deste tamanho no ônibus. Era aqueles caras enormes, que falam palavrão 'Tá um calor do c...' E começou a soltar palavrão, e começou a xingar o motorista. Só falava pra ele aumentar o ar, aumentar o ar. Esse cara chegou, e disse assim pra mulher: 'A senhora me empresta seu grampo para eu tentar abrir essa saída de ar'. Eu não sei o que aconteceu, mas o negócio estourou na cara dele, na testa. Ele ficou louco! Só disse assim: 'Pare esse ônibus agora'. Isso era na ponte, Rio-Niterói. 'Eu mandei você parar'. 'Mas aqui não'. 'Eu mandei você parar', falou assim: 'Você não queria brigar com um índio?'. Como que ele sabia daquela da minha briga, lá longe, quando eu entrei? Eu só comecei a falar 'Eu não pedi isso não, meus irmãos', porque até eu fiquei com medo do negão. Fiquei achando que era comigo! O motorista parou. O cara encheu a mão na cara dele. 'Eijadué, eu não pedi isso! Eu juro!'.

Cara, eu estou rindo agora, mas na hora eu tremia. Eu levantei e fui lá. Chorando, porque eu estava com a alma ferida. Disse, 'amigo, não precisa fazer isso não. Ele vai aprender. Eu me defendo. Não precisa me defender não'. 'Não índio. Eu não sei porquê eu disse isso', ele não sabia porque ele tinha dito aquilo! 'Como você não disse? Você me defendeu.' Isso o ônibus parado na ponte. Quando o cara voltou a si, o motorista já não podia nem se levantar. Ele falou 'Gente, eu sou motorista de caminhão. Eu dirijo caminhão Scania. Posso levar o ônibus daqui', e atravessou o ônibus. Quando a gente chegou tinha polícia e tudo. O moço teve de ir pro hospital...

—Alguém foi preso?—pergunto.

— Não ninguém foi preso. Não sei se o motorista aprendeu ou não... Acho que foi demitido

— Mas hoje deve ter um medo de índio! Imagina, um índio doido começa a rezar... — diz Iara

— Mas acontece que eu perdi a namorada. Ela disse que não ia se acostumar a isso. Que gostava de mim... Fiquei desesperado.

— Mas quem manda pedir o que não pode pedir? — Iara insiste

— Mas eu não pedi isso não

— Ah! Mas você sabia que ia acontecer!

— Mas eu não pedi isso, Iara. Mas foi o que aconteceu.

No caso do poder mágico causar qualquer tipo de malefício, o que ocorre com a intenção do mago? Algumas salvaguardas contra esse tipo de *efeito adverso* da magia pode ser obtidas, segundo Iara, com o uso de palavras que generalizam o efeito da magia.

Nunca peça coisas determinadas. Faça seus pedidos mas, no final, você pode dizer assim, "se assim for melhor". Assim, você tira a sua responsabilidade do que vai acontecer.

Pedidos muito específicos em rituais deveriam ser evitados pois o aprendiz pode não estar plenamente ciente das conseqüências de seu desejo. Para alguns alunos, Iara proibia diretamente o uso de magias para fins determinados. Ela dizia saber quais alunos deveriam receber essa instrução de maneira mais enfática. Ainda assim, essa recomendação parecia ineficaz. Acusações mútuas surgiam, embora fossem comentadas entre os alunos discretamente. À minha incredulidade diante de uma magia direcionada a um índio da ocupação, Lia me advertiu.

*Eu vi quando ele fez magia! O Acauã ficou tontinho,
Mas como ele fez uma coisa dessas?
Daniele, você não sabe que símbolo ele recebeu? É um símbolo que realiza uma
vontade da pessoa! Ele usou esse símbolo.*

Os alunos, os moradores, e os próprios índios que não moravam na ocupação estavam envolvidos em uma trama mágica que afetava diretamente os eventos do Instituto. Se algo dava certo, pode-se atribuir a uma oração; caso saísse errado, é preciso buscar o culpado. As situações desagradáveis, quando freqüentes, sempre possuem uma explicação, porém não devem ser motivo de comentários pois a fala reforçaria a influência mágica.

A magia é utilizada para todo o tipo de fim prático, embora seja uma ato mal visto, realizado secretamente¹⁵. Ninguém revela quando e onde a empregou, embora todos permaneçam alertas quanto a sua presença. Há entre os alunos e os moradores uma constante vigilância para descobrir quem poderia estar fazendo quê tipo de magia para quem. Quando descoberta (algumas vezes, literalmente enterrada no terreno da ocupação), ela é revelada discretamente para a vítima; o mago, porém, nunca é repreendido em público.

A magia empregada para prejudicar alguém ou, mais comumente, para influenciar o comportamento de outra pessoa não é a mesma que aquela utilizada para a cura. A magia de cura, que envolve as sessões na casa de reza, é explícita, anunciada como forma de “fazer o bem”. Outros tipos de magia que não declaradas são mal vistos. O uso do poder mágico para fins inadequados sujeita o mago à perda de seu poder.

¹⁵ Em sua definição de magia, Mauss lembra que o que distingue o rito mágico de outros ritos é a sua não publicidade: “Obtivemos com isso uma definição provisoriamente suficiente do rito mágico. Chamamos assim todo rito que não faz parte de um culto organizado, rito privado, secreto, misterioso, e que tende no limite ao rito proibido.” MAUSS, Marcel. “Esboço de uma teoria geral da magia” in *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. P. 61.

- O Leandro, por exemplo, tinha um conhecimento incrível. Ele podia pegar num fio de cabelo de uma pessoa e falar tudo, tudinho, da vida dela. Mas agora ele está perdendo muita coisa porque está mexendo com o que não deve...
- É, Iara, eu fiquei sabendo das coisas que ele fez no Rio. – Comenta Iandé
- Daqui a uns anos, ele vai perder o poder. Se ele não parar com essas coisas, vai perder tudo. É uma pena. Mas porque? Você não pode usar o poder para fazer certas coisas, e ele está fazendo para conseguir dinheiro.

A perda do poder é um mal que pode facilmente atingir o *outro*. Porém, os fins desejados com o uso deste recurso têm invariavelmente natureza ambígua. Usá-lo com a intenção de obter dinheiro é apenas reprovável em certas circunstâncias, pois, a capacidade de atrair bens materiais facilmente também é característica do uso do poder.

Quando eu morava ali em Copacabana, eu estava passando uma fase difícil. Estava com três meses de aluguel atrasado. Foi logo quando eu vim de Friburgo, que eu trabalhava na fazenda do Daniel. Todo dia eu pedia ‘Meu pai, me ajude’ porque, se eu não pagasse os atrasados, iriam me despejar. O dono do imóvel tinha ido na minha casa, e tinha falado assim ‘Olhe, quando a moça é bonita, ela não precisa pagar o aluguel...’. Era um homem nojento, sem dente, com uma barriga enorme. Nojento. Mas eu não podia fazer nada.

Quando foi um dia de manhã, logo antes de fechar meu contrato de um ano lá, eu peguei um livro pra ler. Eu só sei que, de repente, a minha cabeça fez ‘puf’, e caiu pro lado, como se eu tivesse adormecido. Então eu tive uma visão ‘O quarenta e quatro e o quarenta e três competem lado a lado. O quarenta e quatro vai na frente do quarenta e três. E o quarenta e três se aproxima. E chega o quarenta e três vai ultrapassando, vai ultrapassando e ultrapassa o quarenta e quatro! E cruza a linha de chegada o quarenta e três e logo chega o quarenta e quatro!’, e aí eu acordei. Foi muito rápido, tanto que eu nem memorizei direito quem chegava primeiro, se era o quarenta e três ou o quarenta e quatro. Eu sei que eu cheguei para a minha amiga e falei ‘Eu tive uma visão de corrida de cavalos’, ela disse ‘Ótimo. Tome dez cruzeiros e aposte cinco para você e cinco para mim’. Logo depois, eu falo com o Daniel. A mesma coisa: ‘Tome o dinheiro para apostar. Metade para você, metade para mim.’. Eu não tinha dinheiro nenhum e, em pouco tempo, estava com 20 cruzeiros para apostar no joquey. Chegando lá, fui pedir um bilhete ‘Moço, me vê um bilhete no quarenta e três e no quarenta e quatro’. Aí eu reparei que ele estava com a cara meio triste, assim, pra baixo, e perguntei ‘O que foi?’. ‘É que hoje é aniversário da minha filha, e eu não pude comprar nada para ela...’. ‘Olha moço, eu sei que vou ganhar com esse bilhete, então vou comprar um pro senhor. Quando o senhor ganhar, você compre por favor um vestido e um bolo de aniversário bem bonito para a sua filha, tudo bem?’, e fui assistir a corrida. Olhe, foi exatamente como eu tinha visto, passou o quarenta e três e, logo depois o quarenta e quatro. Eu ganhei tanto dinheiro! Deu pra pagar todos os meses atrasados e mais um ano inteiro, que eu paguei adiantado.

Quando eu fui no proprietário pagar minha dívida, eu estava com tanto nojo que eu disse assim: ‘O senhor devia se envergonhar de querer abusar das mulheres, que são mais fracas que você’. Joguei o dinheiro em cima da mesa e, antes de sair, enchi a mão e ‘pá’ na cara dele. Ele nunca mais, nunca mais, apareceu no apartamento.

Os termos que percorriam os discursos dos alunos iam desde *poder*, *conexão* até *força espiritual*. A falta de definição para o que chamo aqui de *poder mágico* leva os meus interlocutores a, constantemente, referirem-se ao poder apenas como *força*. *Força* é uma *coisa* que algumas pessoas têm e podem desenvolver através dos símbolos e outras formas práticas.

Embora o discurso autorize algumas práticas em detrimento de outras, a magia é empregada por todos; cabe a cada um saber se está ou não sendo sua vítima. Até um pequeno folheto com a foto de uma pessoa é suficiente para sujeitá-la a uma péssima situação. Quando Iara recebeu seu cartão de divulgação feito por um aluno ela foi enfática:

– *Não não não não não não não! As energias não querem isso! Não!*

O folheto continha uma foto sua, trabalhando durante uma sessão de cura. Há um mês ela própria havia sido vítima de magia utilizando foto, situação a qual não gostava de comentar pois “quando eu falo, eu reforço o poder *deles*”. Para desfazer o trabalho, vindo de uma aldeia na Bahia, Iara pegou “a foto de volta, da mão da pessoa que estava com ela”, em sonho. Se ela demonstrasse qualquer sombra de medo ao fazê-lo, a magia poderia se tornar subitamente eficaz, atingindo-a.

Só não foi mais forte porque eles não sabem meu nome de nascença. Eles só sabem meu nome Iara do Sol.

A contra-magia manifestou-se em forma de um acidente, sofrido pelo agressor. Apesar disso, o caso nunca foi novamente mencionado entre os moradores, e a pessoa envolvida voltou a morar na ocupação logo em seguida, sem qualquer sombra de animosidade com relação a Iara. Embora os moradores soubessem deste tipo de ocorrência dentro da ocupação, os comentários eram feitos com reservas. Fotos, objetos pessoais, nomes próprios, fios de cabelo – qualquer elemento que possua ligação com a pessoa pode ser empregado em trabalhos deste tipo.

Quando Iara soube que magia também era um tema de antropologia, sua resposta foi curiosa:

Você estuda bruxaria na Universidade?

Não.... Não da forma que você entende. A magia que nós estudamos é de outro tipo.

Para a pajé, era estranho conhecer alguém que se ocupasse do tema de forma distanciada. A magia é um conhecimento que supostamente visa à dissolução de problemas. Simpatias e fórmulas mágicas só mereceriam ser alvo de interesse para serem empregadas, segundo sua opinião. Embora eu possuísse algum conhecimento teórico, soava estranho que eu não o houvesse aplicado de alguma forma prática! Muitas aulas de Iara eram ocupadas com esse tipo de fórmula, que capacitava o aluno a fazer amuletos de proteção, magias de prosperidade, essências de limpeza de ambientes, orações para pedidos específicos. Mencionei alguns casos hilários, opiniões e preconceitos que pude perceber entre os próprios colegas da academia a respeito da aplicabilidade prática atribuída à magia.

Uma vez, Iara, um professor meu disse no meio da aula: “Se algum dia, um índio cantar para uma árvore e ela cair por causa disso, eu deixo tudo e abro um centro espírita!”. Acho que ele quis dizer que magia não era algo de fato eficaz....

Are.... Porque ele não vem aqui testar?

De seu ponto de vista, as implicações práticas deste tipo de conhecimento eram incontestáveis. *Fazer*¹⁶, trazer um impulso à realidade, era a única razão de existência dos cantos, danças e orações das etnias indígenas; era o que ela chamava de seu *poder*. A magia era algo tão incontestavelmente eficaz que era considerada perigosa e, também, inconfessável. Ela transcendia as questões culturais indígenas, destacadas pelos próprios moradores. Se algum índio frequenta terreiros de matriz afro-brasileira, isso não resulta em um questionamento de sua identidade; ao contrário, o fato de que a magia do terreiro “é forte” o qualifica como um índio que “tem poder”.

¹⁶ “Os atos rituais [...] são por essência capazes de produzir algo mais do que convenções; são eminentemente eficazes; são criadores; eles fazem. Os ritos mágicos são mesmo mais particularmente concebidos dessa maneira; a tal ponto que, com frequência, tiraram seu nome desse caráter efetivo: na Índia, a palavra que melhor corresponde à palavra rito é *karman*, ato; feitiço é o *factum*, *krtyá* por excelência; a palavra alemã *zauber* tem o mesmo sentido etimológico; outras línguas também empregam, para designar a magia, palavras cuja raiz significa fazer.” MAUSS, Marcel. “Esboço de uma teoria geral da magia”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 2003. P. 56.

Violando conscientemente os limites de minha pesquisa, debatia com frequência o conceito de magia com meus interlocutores. Dois deles eram especiais: Iara e Edson, o babalaô que freqüentava a casa para o aprendizado de Símbolos. Buscava levar até eles a questão do meu lugar dentro da experiência de campo. De forma clara, tal indagação parecia apenas ocupar a mim pois, de seu ponto de vista, meu lugar já havia sido definido.

– Como eu vou falar sobre xamanismo na faculdade? Não sei se vão querer ouvir muito sobre isso...

– Are, isso é muito simples. O menino outro dia foi dar uma palestra para um grupo de céticos e alguém disse que não acreditava nessa história. Quando ele falou isso, ele mentalizou para os pássaros o ajudarem. Deu nem dois minutos, entrou um monte de pássaro na sala, passando bem assim na cabeça dele. Aí veio o outro e disse: ‘eu não acredito nisso, foi só uma coincidência’. Ele disse então pro pássaro piar, e ele piou, bem na cabeça do outro. Aí ele falou ‘Agora você acredita?’

– Ah Iara, acho que não estou em condições de fazer isso, não é?

Iara tirou um de seus sapatos e fez como se quisesse o arremessar em minha cabeça. – Ah sua bruxa nojenta!

O xamanismo era um problema de *crença*, não de teoria. Se um mago não crê em sua própria magia, não pode ser mesmo um mago e, caso não a pratique, então, não pode *conhecê-la*. O conhecimento distanciado, dentro desta lógica, é algo francamente impossível. A idéia de conhecimento ligado à prática era fundamental para Iara. A experiência dentro da casa de reza era precisamente o que autorizava minha fala. Se *eu era uma bruxa*, porque ter dúvidas sobre o tema da magia?

Edson era um tipo diferente de interlocutor. Estudioso de temas sociais e doutorando em comunicação, conhecia vagamente os conceitos com os quais eu fora acostumada a trabalhar. Minhas indecisões e confusões eu as compartilhava com ele, que buscava me orientar sobre como abordar o tema sem ferir o ponto e vista de quem freqüentava a casa de reza. Uma *orientação às avessas*.

– Sabe, às vezes não sei como dizer todas as coisas que acontecem aqui, não sei como abordar esse tema da magia...

– Você tem que falar que pros xamãs, não é assim... Que para eles, energia não é uma coisa vaga, assim, abstrata. Que é uma coisa bem mais concreta. Que eles manipulam essa coisa concreta.

– Mas isso é o que eles dizem. E como eu vou dizer exatamente o que eles dizem? E, também, a teoria, no final, não aparece assim, como dizem.

– Veja, meu bem. No dia de hoje nós viemos até aqui pegar as pedras neste rio, e não apareceu absolutamente ninguém para nos atrapalhar. Ninguém. O sol está ótimo, nem sinal de chuva, tudo perfeito. Você deve dizer ‘Se isto não é planejado conscientemente, senhor professor, então o que é isso?’ Você vai fazer uma etnografia, não vai? Então diz isso! As pedras pulam? Então diz ‘As pedras pularam’. Diga a verdade, diga a verdade!

As conversas aproximavam-me, irrefreavelmente, de seu sistema de crenças. Minha intenção era deixar claro, para eles, meu trabalho de intermediação de dois mundos: o da experiência nativa e o da academia.

Eventos que superam a noção de *coincidência* também eram destacados como de significação mágica. A magia envolvida em uma ocorrência pode ser intencional, *ou não* pois quem está habituado a freqüentar a casa de reza não pode libertar-se, no cotidiano, de seu próprio *poder*. Como na história de Iandé Fulni-ô, eventos singulares podem ter caráter extraordinário, ainda que não tenham sido planejados. Estar em um certo lugar, conversar com uma determinada pessoa – as expressões do *poder mágico* podem ser múltiplas, ainda que não derivem de uma intenção específica.

Em dezembro de 2009, a oca de apresentações do Instituto foi criminosamente incendiada por vândalos¹⁷ que, segundo se acredita, teriam lançado o fogo de fora dos muros da ocupação. O evento abalou a todos, e o dia passou a ser lembrado como tenebroso. Pouco tempo antes, a ocupação havia sido alvo de ataques semelhantes, quando sacrificaram um cachorro a pauladas e quebraram parte do muro dos fundos. Todos estavam apreensivos com as ocorrências de violência, crendo que as investidas eram parte de um plano de tentativa de expulsão dos moradores. No dia em que abateram o cão, Iara encontrava-se sozinha na casa de reza. O grupo Guajajara chegaria dias depois; ela, porém, escutou toda a movimentação no terreno de dentro da oca de cura. Sua reação foi apenas orar.

¹⁷ O incêndio não foi noticiado em imprensa oficial. Núcleos de mídia independente divulgaram o ocorrido. “Às duas e meia da manhã de sábado, dia 19 de dezembro de 2009, foi ateado fogo na oca grande erguida no terreno do Antigo Museu do Índio pelos indígenas resistentes. O incêndio começou na parte de cima da oca, forrada com palhas, o que comprova ser um incêndio criminoso. (...) Não é a primeira vez que “forças obscuras” tentam criar um clima de medo e insegurança no espaço, tentando convencer os indígenas a abandonarem o Antigo Museu do Índio por meio da violência. Há cerca de dois meses atrás “Pirapiré”, o cachorro de estimação dos indígenas, foi assassinado à paulada por desconhecidos.” Trecho da notícia Centro de Mídia Independente. “Atentado Contra a Ocupação Indígena no Antigo Museu do Índio (RJ)” disponível em: <http://pt.indymedia.org/conteudo/newswire/298>. Acesso em: 07 de maio de 2011.

– No dia em que mataram o cachorro, eu estava aqui sozinha! Quer dizer, sozinha não, porque tinha um monte de índio me ajudando... Você acha que eu fiquei parada, com medo? Eu peguei a maracá e comecei a tocar, tocar....Edson veio aqui me ajudar, Lia veio me ajudar, um monte de gente ouviu meu pedido. No dia do incêndio, foi a mesma coisa, estava muito pesado... A Cris estava passando aqui na frente, de taxi, exatamente na hora em que aconteceu! Foi ela quem viu tudo pegando fogo. Me ligou apavorada, mas na hora nem vi a ligação. Só ouvi gente lá fora gritando ‘Fogo, fogo!’. Se eles não tivessem visto logo, tinha queimado tudo. Agora você vê, minha aluna estava passando aqui, duas horas da manhã...

– Eu percebi que tinha alguma coisa porque, antes de eu sair de casa entrou um vento quebrando tudo pela minha janela. Um tufão! Eu senti que vieram uns índios me avisar, eu senti. E, de noite, exatamente na hora do incêndio, eu passei aqui na frente. Meu coração ficou apertado.... mas, pelo menos, ninguém se feriu. [fala de Cris, freqüentadora da casa]

Os eventos cuja interpretação inclui o uso do *poder* podem, em alguns casos, situar-se além da intencionalidade dos envolvidos. Ainda assim, são o resultado da força espiritual do vidente ou do curador. O treinamento a que Iara atribuía importância visava ao desenvolvimento das capacidades latentes dos alunos que, caso não fossem manipuladas, poderiam resultar em problemas de todos os tipos. Se um aluno pede ajuda por sua má situação financeira ou profissional, isso também pode ser atribuído à falta ou mal uso de uso de seu poder. Como uma faca de dois gumes, o poder pode trazer o sucesso ou a ruína, sucesso ou azar, dependendo de seu direcionamento.

Ontem veio uma moça nova aqui. Meu Deus, ela tinha muito poder.... era muito bonita. Aquele não é o corpo dela mesmo, é porque ela está inchada. Ela não está bem, sabe? Veio fazer uma massagem. (...) As lágrimas corriam. Mas sabe qual é o problema? Eu disse pra ela assim: ‘Há quanto tempo você não abre o jogo [de cartas ciganas]?’. ‘Faz mais de dois anos’. Ela tá trabalhando em um banco, mas diz que odeia o lugar, odeia o chefe. Mas é claro! Ela tem que jogar, precisa voltar a abrir o baralho! As energias dela estão pedindo isso.

Após algum tempo sem abrir seu baralho, a moça cigana voltou a realizar consultas, o que reequilibrou sua vida financeira e profissional.

Periodicamente, os moradores realizavam fogueiras e eventos de apoio à ocupação abertos aos visitantes e alunos. Por ocasião de um encontro de apoiadores do Instituto Tamoio, dois xamãs foram chamados para conduzir uma cerimônia de “abertura” do encontro. Um deles era Vernon Foster, um xamã Lakota, mundialmente conhecido por seu trabalho junto aos índios de sua etnia.

Os Lakota obtiveram algumas importantes conquistas nos últimos anos, em tribunais americanos, graças à atuação do American Indian Movement, movimento político de sua liderança.¹⁸

Receber Vernon na casa de reza foi um presente para a pajé e para os demais moradores. O xamã chegou com dois acompanhantes do Rio de Janeiro, que traduziram sua palestra para os que não compreendiam inglês. Vestindo calça jeans, bota, e um chapéu de couro arrematado com duas longas tranças finas e brancas, Vernon era uma figura que se destacava facilmente. Sua maneira de falar, pontuada por longas pausas, atraiu a atenção de todos. Ele quis enfatizar, com seriedade:

Vocês precisam olhar mais para o grupo. Precisam esquecer o ego de vocês. Precisam se unir.

Vernon insistiu que algum morador se dispusesse para enviar o de material de divulgação para seu endereço eletrônico, afim de divulgar a luta do Instituto no exterior. Assim que chegou, pediu para subir ao segundo andar do antigo palacete, aproveitando a fraca luz do cair da tarde.

O prédio que já abrigou o Museu do Índio precisa de urgente reforma em seu interior. As paredes estão tomadas por imensas raízes de plantas que alastram-se pelos tetos do edifício. O piso do segundo andar, feito de antiga madeira maciça, foi criminosamente arrancado, deixando exposta, para quem observa, o telhado e as estruturas superiores. As escadas ainda possuem sua formação original; os degraus, porém, também foram arrancados, em razão do nobre

¹⁸ O American Indian Movement surgiu nos anos 70 com o objetivo de proteger os direitos civis de indígenas que morassem em áreas urbanas nos Estados Unidos. O movimento expandiu-se para atender às reivindicações dos indígenas de áreas de reservas nativas, gerando debates nas comunidades sobre pobreza, habitação e outros assuntos. “In the 30 years of its formal history, the American Indian Movement (AIM) has given witness to a great many changes. (...) Making steady progress, the movement has transformed policy making into programs and organizations that have served Indian people in many communities. (...) The movement was founded to turn the attention of Indian people toward a renewal of spirituality which would impart the strength of resolve needed to reverse the ruinous policies of the United States, Canada, and other colonialist governments of Central and South America. At the heart of AIM is deep spirituality and a belief in the connectedness of all Indian people. (...) AIM has repeatedly brought successful suit against the federal government for the protection of the rights of Native Nations guaranteed in treaties, sovereignty, the United States Constitution, and laws. The philosophy of self-determination upon which the movement is built is deeply rooted in traditional spirituality, culture, language and history. AIM develops partnerships to address the common needs of the people.” **WITTSTOCK**, Laura Waterman, **SALINAS**, Elaine J. “A Brief History of the American Indian Movement”. Disponível em <http://www.aimovement.org/ggc/history.html>. Acesso em: 07 de maio de 2011.

material. A depredação do prédio é gritante, o que causa forte impressão em quem o visita.

Ainda diante de uma escada sem degraus, Vernon pediu para subir ao segundo andar, afim de ter uma melhor visão do estado do prédio. Chegando ao topo, em meio a toda destruição resultante de anos de depredação, ele observou uma imensa foto de uma mulher índia. Era uma jovem, de cabelos lisos e soltos, com um olhar distante. Parecia feliz, embora seu sorriso não fosse aberto. Estava feliz como quem estivesse deleitando-se com um banho de sol, com uma leve brisa sobre o rosto.

Em meio à evidente destruição, aquela bela foto permanecia quase inteira. Parecia um milagre que algo ainda restasse intacto, apesar da chuva que penetrava dia a dia o prédio, e da ação de pessoas que viam o museu apenas como uma coisa a ser explorada. Aquela imensa foto, feita de papel pouco resistente, permanecia gloriosa no alto do prédio, como uma coisa viva. Evidentemente, estava vivo.

– Essa mulher é a mentora desta ocupação. É ela quem protege esse lugar. Vocês podem fazer um material com esta foto. Podem fazer camisetas, mas deve ter essa foto no material.

A proteção que a mentora dispensava ao Instituto Tamoio ela recebeu em retorno, na forma de preservação de seu retrato. A idéia do material de divulgação não foi bem compreendida pelos moradores. Ainda que este tipo de campanha possa funcionar nos Estados Unidos, no Brasil, os movimentos sociais ainda encontram dificuldades para viabilizar este tipo de campanha. Sua sugestão de arrecadação de fundos através da confecção de camisetas promocionais e pela internet soou muito distante e improvável para seus ouvintes. Ele relatava que, nos Estados Unidos, o movimento indígena conseguiu angariar algum recurso com a venda de material promocional, principalmente camisetas.

Ao cair da tarde, ele iniciou, junto a um xamã Kaxinawá (etnia indígena acreana) uma fogueira de abertura da reunião. Ambos haviam se conhecido recentemente em um evento que reuniu xamãs e lideranças religiosas de diversas partes do mundo na cidade do Rio de Janeiro. A rede profissional, responsável pela realização do evento, promove encontros cujos temas variam entre espiritualidade, Nova Era e terapias holísticas. Bárbara, uma das acompanhantes do xamãs, é uma conhecida terapeuta. “Trabalho com xamãs de diferentes etnias

há mais de 10 anos”. Além dela, havia mais dois acompanhantes, ambos profissionais envolvidos com o mesmo tipo de atividade.

Para muitos é importante que a disputa política esteja aliada às atividades espirituais da casa de reza e às reuniões e fogueiras com lideranças espirituais. Segundo se acredita, há uma briga paralela para além da briga política: a briga que é travada no mundo invisível. As ondas de violência que abalaram os moradores do Instituto são atribuídas aos grupos que desejam expulsá-los do local, mas só não foram decisivas graças a estes movimentos de defesa do espaço. Há necessidade de proteger-se através do fogo, da fumaça dos cachimbos pitados, do canto. Esta demonstração de força é também uma forma de resistência eficaz, embora sua função política não seja, a primeira vista, evidente. “O maior medo do governo é que se juntem várias etnias, porque se você juntar o conhecimento de todas as etnias, você tem uma grande potência”, afirma Iara.

Ao se aproximar do horário marcado, o Instituto foi atraindo cada vez mais pessoas, de diversas idades e estratos sociais, muitas já frequentadoras da casa de reza. O xamã Kaxinawá iniciou a fogueira com sua fala.

Eu sou liderança Kaxinawá há mais de quinze anos. Desde cedo venho representando meu povo fora da aldeia e dentro da aldeia. Eu cresci nessa luta. Eu cheguei nessa casa hoje, e estou todo trêmulo. Eu não sei o que é realmente, não consegui entender. Já passei por muitos momentos na minha vida, de emoção, de alegria... às vezes de dor, de tristeza. Eu não sei. Só sei que alguma coisa mexeu muito comigo, no lado espiritual. Eu sei que essa casa é uma casa muito antiga, tem a sua história. Onde foi discutida a política dos povos indígenas do Brasil, e hoje está abandonada. Eu quero dizer aos meus parentes, que eu não vou trazer um pedaço de peixe frito para vocês, e nem uma banana, nem uma farinha, e nem um pouco de milho, porque eu estou há quase seis mil quilômetros daqui. Mas, com certeza, todas as vezes que meu povo for organizar uma cerimônia sagrada, nós estaremos aqui.

Esta luta é para que nós possamos mostrar ao homem branco o nosso amor pela vida, a nossa luta de querermos existir. Existir não é somente comer, beber e estar com saúde. Existir é nós vivermos com a nossa ancestralidade, com os nossos ancestrais. Viver uma vida como o criador deixou para cada povo. E nós estamos há muitos anos buscando compartilhar a nossa vida, o nosso mundo, com a outra sociedade. Sempre fomos negados pela outra parte da sociedade a nos receber como somos, com a nossa diferença.

Em seguida, dirigiu-se à fogueira já acesa, no centro da roda de convidados, e jogou um pouco do fumo e rapé que trazia consigo. Emocionado, passou a fala a Vernon. Seu canto mobilizou a todos:

Esta é a canção do American Indian Moviment. Vamos declarar o dia de hoje como o dia de libertação das pessoas! O dia da nossa liberdade!

Todos se uniram em uma grande roda, dentro do antigo palacete em ruínas. Enquanto o xamã cantou a canção anunciada, alguns moradores acompanhavam o som com maracás ou cantos próprios. Ao fim, muitos tiveram a esperança de que, agora, os problemas do Instituto estariam finalmente resolvidos pois, afinal, havia estado ali “um poderoso xamã”. Além de sua incrível presença, o fato de se tratar de um americano fez com que as esperanças de todos se elevassem a um patamar além do razoável.

As expectativas de ganho próximo preencheram a mente de alguns moradores. Após uma semana, sem um novo retorno de querido xamã, as reclamações e acusações mútuas voltaram rapidamente. Vernon passou a ser lembrado como um mero oportunista, que havia visitado o Instituto apenas para inflar sua própria popularidade.

No início de 2011, a ocupação foi gradeada juntamente com o estádio do Maracanã, para reformas. A copa de 2016 exigirá imensas obras de infraestrutura, e as regiões circunvizinhas ao maior estádio do Brasil deverão ser revitalizadas. Apesar desta ação inicial, a prefeitura ainda não se pronunciou sobre o fim que será dado à ocupação.¹⁹ O ministério público pede o tombamento do antigo palacete²⁰, mas a prefeitura briga por um estacionamento ou um shopping no terreno.

Mesmo em meio a grandes interesses, uma proposta para o prédio foi formulada por um grupo de apoiadores da ocupação, e entregue aos moradores. O projeto, que é uma sistematização das demandas do Instituto, sugere que a ocupação seja rebatizada como *Centro de Referência dos Povos Nativos das Américas*. A intenção é reunir representantes de todos os povos indígenas do

19 Segundo reportagem do Jornal O Globo: “A Rua Mata Machado, que já está fechada por causa das obras, deverá ser fechada, já que o projeto prevê a ligação do estádio com a Quinta da Boa Vista através de uma passarela por cima da Radial Oeste e da linha férrea. - Já o Museu do Índio deverá ser preservado. Embora não seja tombado, ele tem uma importância histórica e passará a ser melhor utilizado - comentou a secretária [de Turismo, Esporte e Lazer do Rio, Márcia Lins]. CALDAS, Allan. Maquete do novo Maracanã é apresentada na Soccerecx. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, Nov. de 2010.

²⁰ Ver nota número 7 da dissertação.

continente para promover e garantir a preservação e divulgação de seus conhecimentos e práticas. A universidade indígena também terá lugar no espaço.

O antigo palacete, de acordo com o projeto, receberia o sugestivo nome de *Palácio dos Diálogos*.

É interessante pensar que o Palácio dos Diálogos será onde um dia funcionou o *museu* do índio. O diálogo é uma demanda dos índios de *hoje*, que não desejam mais serem lembrados como um povo de *ontem*, do *passado*. A mensagem do diálogo pede que as etnias sejam ouvidas e compreendidas, e que os erros do passado sejam reavaliados.

Muitos crimes foram cometidos em nome da chamada *civilização*. Um morador Fulni-ô, que esteve na ocupação por alguns meses relata que, em Águas Belas, a cidade onde hoje moram os índios de sua etnia, as famílias indígenas eram constantemente hostilizadas. Embora não fosse nascido, a história permanecia viva. Seus avós contavam-lhe que a recorrência de incêndios às habitações indígenas era o motivo para que seu povo nunca mais tenha construído casas com o uso de palha²¹. A partir de então, somente tijolos e cimento.

Hoje, tanto tempo depois, este tipo de violência contra grupos étnicos *ainda* ocorre. Por quê?

Os povos nativos precisam ser ouvidos em suas demandas e em suas necessidades, materiais e imateriais. A assimetria de poder existente entre *nós* e *eles* estimula a busca de estratégias de sobrevivência e reconhecimento dentro da

²¹ “Até a década de trinta, os Fulni-ô faziam uso exclusivo da palha de ouricuri na feitura de suas casas. A partir da intervenção do Serviço de Proteção ao Índio – SPI, com a fundação do Posto Indígena Dantas Barreto, a aldeia ganhou o traçado urbanístico atual, e certamente perdeu qualquer traço cultural que por ventura naquela época ainda existente quanto ao modo de habitar. Além do material empregado, os entrevistados nada sabiam a respeito da forma das antigas moradias. Atualmente, nenhum traço resta nas edificações que se possa identificar como fruto de uma civilização indígena” **CONDEPE**. Os Fulni-Ô. In: *As comunidades indígenas de Pernambuco*. Recife, Condepe, 1981. P. 72.

O ponto de vista de Darcy Ribeiro: “As terras que [os Fulni-ô] ocupavam lhes tinham sido asseguradas por uma Carta Régia de 1705, como meio de estabelecer a paz depois de um levante. Mas desde então vinham sendo invadidas. Em 1878 foi necessário tomar providências para acautelar os interesses da tribo, cujas terras estavam sendo vendidas. A reserva foi, então, demarcada e dividida em lotes entregues às famílias Fulni-ô. No começo do século XX, em torno da igreja levantada pelos índios, dentro do perímetro do aldeamento, existia um número considerável de moradores sertanejos e grande parte dos lotes tinha passado dos índios a estranhos, a título de arrendamento, compra ou por simples esbulho. Por volta de 1916, era tão grande a hostilidade entre os Fulni-ô e a população de Águas Belas que crescera em redor da igreja, que os índios foram compelidos a se afastarem para um quilômetro adiante do antigo aldeamento, agora cidade, fugindo aos vexames a que os submetiam as autoridades locais. Nesse período, os índios que haviam permanecido no antigo aldeamento estavam ameaçados de perder as terras que lhes restavam. Muitos outros se viram obrigados a dispersar-se para trabalhar nas fazendas da região” **RIBEIRO**, Darcy. *Os índios e a civilização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. P. 69

sociedade. Porém, as pequenas brechas onde estes grupos sobrevivem não podem satisfazer suas expectativas. É preciso reconhecer o poder de sua voz, de sua expressão, pois uma cultura que tem apenas o direito de *encenar* a si mesma, não pode manifestar sua verdadeira riqueza. E quem não expressa a verdade presente em seu coração, acredita-se morto.

O Instituto Tamoio foi uma iniciativa vital para que estes grupos voltem a acreditar em seu próprio direito de existência, no poder de sua voz. Não será fácil olhar novamente para o passado buscando compreender o processo histórico do qual estas etnias participaram. Mas, se não através do diálogo, como superar tais feridas? A universidade indígena e o centro de diálogos buscam dar expressão a esta necessidade.

Em “Raça e História”, Lévi-Strauss discursa sobre a importância da diversidade em lugar da *solidão* para que uma civilização possa progredir²².

*"Não existe (...) sociedade cumulativa em si e por si. A história cumulativa não é propriedade de determinadas raças ou de determinadas culturas que assim se distingam das outras. Resulta mais da sua conduta do que de sua natureza. Exprime uma certa modalidade de existência das culturas, que não é senão sua maneira de estar em conjunto. Neste sentido, podemos dizer que a história cumulativa é a forma característica de história destes superorganismos sociais que os grupos de sociedade constituem, enquanto que a história estacionária – se é que verdadeiramente existe – seria a característica de história desse gênero de vida inferior que é o das sociedades solitárias."*²³

Neste texto, Lévi-Strauss busca convencer-nos de que as sociedades arcaicas não eram, como nos fazia crer certo ponto de vista, sociedades *sem história* – o ocidente apenas assim a considerava por entender a história de uma maneira peculiar, enquanto história *cumulativa*. Deslocando esta perspectiva, a história estacionária seria característica não das sociedades arcaicas, mas sim daquelas que permanecessem em isolamento, já que toda e qualquer sociedade que se põe em contato, através da *troca*, está sujeita à mudança e, portanto, à

²² Se podemos falar de civilização e *progresso*, é somente em um duplo sentido, como conclui o texto. Seu uso é apropriado apenas porque Lévi-Strauss quer se apropriar de um termo significativo para o ocidente: “(...) em primeiro lugar, (...) o 'progresso' (*se este termo ainda é adequado para designar uma realidade muito diferente daquela a que se tinha primeiramente aplicado*) não é nem necessário nem contínuo; procede por saltos, ou, tal como diriam os biólogos, por mutações.”. Meu grifo. LEVI-STRAUSS, Claude. “Raça e história”, in *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1980. P 68.

²³ Ibid., 1980, p. 89.

mudança histórica. Como nenhuma cultura pôde até hoje permanecer em isolamento, todas possuem história.

Se por um lado o ocidente esteve aberto ao multiculturalismo, como demonstram seus princípios de igualdade e fraternidade, por outro, e em razão destes mesmos princípios, a sociedade ocidental também esteve sujeita a certa uniformização o que, como mostra a história desta civilização, é algo perigoso. Este é o duplo sentido do progresso, uma contradição com a qual o ocidente tem de aprender a lidar.

Não estaremos diante de um paradoxo? Tomando os termos no sentido que lhes atribuímos, vimos que todo o progresso cultural é função de uma coligação entre as culturas. Esta coligação consiste no pôr em comum (consciente ou inconsciente, voluntário ou involuntário, intencional ou acidental, procurado ou obrigado) das possibilidades que cada cultura encontra no seu desenvolvimento histórico. (...) Isto posto, parece que nos encontramos face a condições contraditórias. Porque este jogo em comum, de que resulta todo o progresso, deve arrastar como consequência, num prazo mais ou menos breve, uma homogeneização dos recursos de cada jogador.

(...)

Vemos que (...) o remédio consiste em alargar a associação, quer por diversificação interna, quer por admissão de novos parceiros; no fim de contas, trata-se sempre de aumentar o numero de jogadores, isto é, de voltar à complexidade e à diversidade da situação inicial

(...)

É a diversidade que deve ser salva, não o conteúdo histórico que cada época lhe deu e que nenhuma poderia perpetuar para além de si mesma²⁴

Se o ocidente faz jus ao conceito de civilização, então a idéia de multiculturalismo está em seu cerne. Exigir das etnias indígenas que cristalizem sua cultura seria inútil e, pior, uma atitude de isolamento. *Raça e história* é uma contribuição à defesa do diálogo, da troca. Hoje, este museu vivo de cultura busca propor a mesma idéia de diálogo, não por um capricho, mas enquanto forma de sobrevivência. De *todas* as culturas.

²⁴ Ibid, 1980, pp. 91 a 93.